

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JOYCE CRISTINA RODRIGUES

QUAL É, QUAL É, FUTEBOL NÃO É PRA MULHER?:

**UMA ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DE MULHERES COMO JOGADORAS DE
FUTEBOL PROFISSIONAL**

SÃO PAULO

2023

JOYCE CRISTINA RODRIGUES

QUAL É, QUAL É? FUTEBOL NÃO É PRA MULHER?:

**UMA ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DE MULHERES COMO JOGADORAS DE
FUTEBOL PROFISSIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Hespanhol
Bernardo

SÃO PAULO

2023

JOYCE CRISTINA RODRIGUES

**QUAL É, QUAL É, FUTEBOL NÃO É PRA MULHER?:
UMA ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DE MULHERES COMO
JOGADORAS DE FUTEBOL PROFISSIONAL**

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Profa. Dra. Marcia Hespanhol Bernardo

Profa. Dra. Heloisa Aparecida de Souza

Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2023

*“Sou como a haste fina
Que qualquer brisa verga
Mas nenhuma espada corta”*

-Maria Bethânia-

AGRADECIMENTOS

Às participantes que se colocaram à disposição para contribuir com a pesquisa, contando das suas vivências, dividindo angústias, alegrias e sonhos. A minha admiração pelo trabalho e resistência dessas mulheres motivaram a construção deste estudo;

À minha orientadora Marcia Hespanhol Bernardo, profissional e pessoa por quem tenho profunda admiração, respeito e carinho, por despertar em mim a paixão que se transformou em amor pela Psicologia Social do Trabalho e pela pesquisa. Sou grata por todas as trocas, por todo o cuidado e dedicação na construção desta pesquisa e por se fazer tão presente também em minha vida fora da academia;

Ao professor Fábio de Oliveira e à professora Heloisa Aparecida de Souza pelas preciosas contribuições em minha qualificação. Agradeço pelo olhar atento e sensível na leitura do meu texto e pelo compartilhar de saberes tão importantes na minha trajetória;

À professora Helenice Yemi Nakamura, profissional que me inspira. Nosso encontro despertou em mim novas perspectivas do pensar e do fazer, evidenciando a potência transformadora da prática com amor, dedicação e força;

Aos meus colegas de pesquisa do laboratório TraMPoS e do grupo de estudos que contribuíram desde a elaboração do meu projeto até a finalização dele, com discussões tão valiosas e enriquecedoras;

Às minhas amigas e irmãs de vida, Ana Carolina Castro e Maria Antonia Silveira, com quem compartilhei as angústias de entrada, de desenvolvimento e, agora, de finalização do mestrado;

Aos meus amigos e amigas: Gabriel Teixeira, Graziela Moretto, Mariana Villas Boas, Rômulo Lopes e Samuel Barreto, por todas as conversas que acolheram meus momentos de angústia e pela companhia nos encontros tão importantes que me deram força para seguir;

Ao meu avô Gentil de Camargo (*in memorian*) por cuidar de mim, acreditar nos meus sonhos e estar sempre ao meu lado. Às minhas avós Lourdes Ferreira (*in memorian*) e Maria Aparecida Rodrigues por todo cuidado e carinho;

À minha mãe Rosemary de Camargo, ao meu pai Juscelino Rodrigues e ao meu irmão Leonardo Rodrigues, que sempre estiveram ao meu lado, me fortalecendo, compreendendo as minhas ausências e me acolhendo nos momentos em que foi necessário. Vocês foram fundamentais na construção desta pesquisa e de quem eu sou. Agradeço por serem o meu ninho e por me ensinarem sobre o amor todos os dias;

À todas as mulheres inspiradoras que eu tive o prazer de conhecer, de ler, conviver e amar;

Por fim, ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa e pela possibilidade de estar com profissionais tão comprometidos e admiráveis.

“JOGADEIRA”

(Cacau Fernandes e Gabi Kivitz)

Desde pequena muito preconceito
Aqueles papo futebol não é pra mulher
Mas aprendi a dominar no peito
Pôr no chão e responder com a bola no pé
Sempre com a molecada correndo na rua
É ligeira monta o time e a panela é sua
Não quer brincar de boneca nem pintar na escola
Só quer saber de driblar, correr atrás de bola

Qual é, qual é?

Futebol não é pra mulher?

Eu vou mostrar pra você, mané

Joga a bola no meu pé

Qual é, qual é?

Futebol não é pra mulher?

Eu vou mostrar pra você, mané

Joga a bola no meu pé

Agora a menina já virou mulher

Tá correndo atrás do sonho e sabe o quer quer

Driblando as dificuldades, deixando pra trás

Com orgulho é jogadora e ama o que faz

Qual é, qual é?

Futebol não é pra mulher?

Eu vou mostrar pra você, mané

Joga a bola no meu pé

Se você pensa que é fácil

A vida dessa mulherada

Mas não é não, você tá enganado

Antes de jogo não tem balada

Além de muito treino e dedicação

Não tem final de semana nem feriadão

E se quiser pagode só tem no buzão

Então fecha com a palma agora no refrão

Qual é, qual é?

Futebol não é pra mulher?

Eu vou mostrar pra você, mané

Joga a bola no meu pé

Qual é, qual é?

Futebol não é pra mulher?

Eu vou mostrar pra você, mané

Joga a bola no meu pé

Mina de fé, de garra, swing, samba no pé

Na ginga, catimba e encanta, por ser mulher

Dona da bola não enrola

Na roda entra de sola

Seja de bola ou de samba

Faz o que quer

Quem é?

Que toca, provoca, dá de mané

Assim como quem não quer nada

Na manha chega onde quer

Faz batucada, é ousada

Na roda é respeitada

Toca instrumento e o seu de trabalho é o pé

Qual é, qual é?

Futebol não é pra mulher?

Eu vou mostrar pra você, mané

Joga a bola no meu pé

Qual é, qual é?

Futebol não é pra mulher?

Eu vou mostrar pra você, mané

Joga a bola no meu pé

Joga a bola no meu pé

Joga a bola no meu pé

Joga a bola no meu pé

Joga a bola no meu pé

*“Falar 'eu sou jogadeira' é uma identidade,
não é só uma música, é uma identidade!
Se sentir confortável nesse lugar de falar
'eu sou jogadeira, eu sou da resenha, do futebol'.
Porque jogadeira não é só a menina que joga profissional,
jogadeira é qualquer mulher que joga bola, que às vezes não joga bola
mas que se sente nesse lugar,
as mulheres no mundo corporativo também e outras profissões.
É empoderada num tom de deboche e de luta,
mas ao mesmo tempo não é uma luta de lamúria,
é uma questão de orgulho, de empoderamento.
Então acho que uma das coisas que a música mais contribuiu
foi pra mulher ouvir, cantar e se sentir legítima nesse lugar”*

Gabi Kivitz, autora de “Jogadeira”, música que deu origem ao título desta pesquisa.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CONMEBOL - Copa Libertadores da América

COVID-19 - Corona Virus Disease 2019

ECR - Esporte Clube Radar

FIFA - Federação Internacional de Futebol

FPF - Federação Paulista de Futebol

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PST - Psicologia Social do Trabalho

SMRT - Saúde Mental Relacionada ao Trabalho

UEFA - União das Federações Europeias de Futebol

US Soccer - Federação de Futebol dos Estados Unidos

RESUMO

O futebol, esporte mais popular do mundo, vem se configurando, principalmente nas últimas décadas, como um grande negócio, gerando altos investimentos e lucros. Entretanto, apesar de atingir expressivos números, para as mulheres jogadoras de futebol, este tem sido um contexto de trabalho historicamente desigual, marcado por muitas contradições, que vão desde ambientes de trabalho precários, até a baixa remuneração (quando há), além do baixo reconhecimento e prestígio social. Partindo do campo da Psicologia Social do Trabalho e das Teorias de Gênero, esta pesquisa tem por objetivo compreender e analisar as vivências profissionais de mulheres como jogadoras de futebol, procurando entender os principais desafios para inserção e permanência no universo futebolístico e de que forma tais vivências têm impactado a saúde e a vida dessas profissionais. Utilizando o método de pesquisa qualitativa, foram realizadas visitas a um clube de futebol, conversas informais e entrevistas abertas em profundidade com a finalidade de uma maior aproximação com o cotidiano dessas jogadoras. Para tanto, foram entrevistadas mulheres que atuam ou atuaram profissionalmente como jogadoras nos principais clubes de futebol do Brasil. As entrevistas foram gravadas e transcritas, além do uso do diário de campo como estratégia complementar. Posteriormente, foram submetidas a uma análise, buscando a compreensão dos sentidos atribuídos pelas jogadoras na relação com o seu trabalho. Os resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa foram divididos em três categorias de análise: a inserção das participantes no futebol e os preconceitos que envolvem a prática entre mulheres; a experiência profissional; e por último, as implicações e efeitos das contradições na vida das mulheres jogadoras. Concluímos que as políticas implementadas pelas principais instituições que regulam o futebol no Brasil e na América Latina, apesar de apresentarem avanços importantes para o futebol das mulheres, são insuficientes para possibilitar que a modalidade se formalize no país e garanta estruturas que assegurem o desenvolvimento do esporte, além de uma valorização profissional e garantia de espaços de trabalho melhor estruturados.

Palavras chave: Trabalho; Mulher; Futebol; Psicologia; Gênero; Saúde mental.

ABSTRACT

Football, the world's most popular sport, has become a major business in recent decades, generating high investments and profits. However, despite achieving significant numbers, for female football players, it has historically been a context of unequal work marked by many contradictions, ranging from poor working conditions to low (if any) remuneration, as well as low recognition and social prestige. Drawing on the field of Social Psychology of Work and Gender Theories, this research aims to understand and analyze the professional experiences of women as football players, seeking to understand the main challenges for their inclusion and sustainability in the football universe and how these experiences have impacted their health and lives. Using qualitative research methods that allow for a deeper understanding of subjectivity, visits to a football club, informal conversations, and virtual interviews were conducted to gain a closer understanding of these players' daily lives. Women who have worked or currently work as professional players in the main football clubs in Brazil were interviewed. The interviews were recorded and transcribed, and a field diary was used as a complementary strategy. Subsequently, they underwent analysis to understand the meanings attributed by the players in relation to their work. The results found in the development of the research were divided into three categories of analysis: the insertion of the participants in soccer and the prejudices that involve the practice among women; professional experience; and finally, the inspirations and effects of contradictions in the lives of women players. We conclude that the policies implemented by the main institutions governing football in Brazil and Latin America, despite significant advancements for women's football, are insufficient to formalize the sport in the country and guarantee structures that ensure the sport's development, professional valorization, and better-structured workspaces.

Keywords: Work; Women; Football; Psychology; Gender; Mental health.

SUMÁRIO

Capítulo 1

“Joga a bola no meu pé”: trabalho, gênero e saúde em perspectiva.....	21
1.1 .Psicologia Social do Trabalho.....	21
1.2. Perspectiva de gênero.....	25
1.3 Concepção de saúde.....	30

Capítulo 2

“Tá correndo atrás do sonho e sabe o quer quer”: futebol e mulheres.....	33
2.1. Do lazer ao negócio: futebol em números.....	33
2.2. A mulher no universo futebolístico.....	36
2.3. Futebol de Mulheres na América Latina: visibilidades e avanços.....	43

Capítulo 3

“Driblando as dificuldades”: percurso metodológico.....	50
3.1. Fundamentação metodológica.....	50
3.2. Percurso metodológico.....	52
3.3. Conhecendo as participantes.....	58
3.4. Perspectiva de análise.....	59

Capítulo 4

“O seu trabalho é o pé”: o futebol das mulheres entre confrontos e conquistas.....	61
4.1 Paixão, identificação e preconceito: o que há por trás da vontade de jogar futebol....	62
4.1.1 “Você não vai jogar com a gente, porque você é menina”: o interesse pelo futebol.....	62
4.1.2 “Mas será que pra ser jogadora tem que ser lésbica?”: questões de gênero e sexualidade no futebol de mulheres.....	70
4.2 A experiência profissional.....	75
4.2.1 ”Nunca encarei o futebol como um trabalho”: a importância da regulamentação do futebol de mulheres.....	75
4.2.2 “Uma sensação horrível de prisão”: vivendo no trabalho.....	80
4.2.3 “Não tem estrutura, mas tem cobrança”: dificuldades estruturais.....	84
4.3 Implicações e efeitos das contradições.....	89

4.3.1 “O trabalho e a vida não têm muita divisão”: a vida fora de campo.....	89
4.3.2 “Eu sentia culpa por não conseguir render”: esporte coletivo, sofrimentos individuais?.....	96
Considerações finais.....	106
Referências.....	111

Apresentação

*“Eu não estou aceitando as coisas que eu não posso mudar,
estou mudando as coisas que eu não posso aceitar”*

-Angela Davis-

A presença feminina no futebol tem se tornado cada vez maior, atingindo números expressivos nos últimos anos no Brasil e no mundo. De acordo com dados apresentados pela Federação Internacional de Futebol - FIFA (2019), a Copa do Mundo de Futebol Feminino, que aconteceu em 2019, bateu recorde de audiência. Na ocasião, mais de 1,12 bilhão de pessoas acompanharam o evento pela televisão ou pela internet. Na América do Sul, tivemos um crescimento de 560%, se comparado à edição anterior em 2015 (FIFA, 2019). Diante dos números, existe a expectativa de que o evento que irá acontecer neste ano de 2023 continue atraindo mais público e, conseqüentemente, mais investimento.

No Brasil, a segunda edição da Supercopa Feminina, que ocorreu em 2023, também mostrou crescimento. Na primeira edição, em 2022, se somados todos os jogos, o evento reuniu 50 mil torcedoras e torcedores. Já neste ano de 2023, ainda que não tenham sido disponibilizadas as estatísticas de todo o campeonato, sabe-se que, apenas no jogo final entre Corinthians e Flamengo, estiveram presentes mais de 27 mil pessoas (Confederação Brasileira de Futebol, 2023). Ou seja, a perspectiva é de que o campeonato como um todo tenha superado os números alcançados no ano anterior.

Os números evidenciam a importância das políticas que vêm sendo implementadas pelas instituições que regulamentam a prática esportiva (FIFA, Confederação Brasileira de Futebol - CBF, Copa Libertadores da América - CONMEBOL), mostrando que o interesse da população aumenta na medida em que os campeonatos se tornam mais competitivos.

Entretanto, apesar dos avanços significativos dos últimos anos, os investimentos realizados por essas instituições e pelos clubes ainda são muito baixos se comparados ao futebol masculino e considerando o longo período de proibição da prática entre as mulheres, acontecimento que marcou e impactou no desenvolvimento da modalidade esportiva.

A proibição da presença feminina na prática do futebol é um aspecto central a ser considerado na compreensão da participação periférica das mulheres neste esporte. Alemanha, França, Inglaterra e Brasil, são exemplos de países reconhecidos como potências no futebol masculino, mas que, em determinado momento, proibiram as mulheres de praticar tal atividade. No Brasil, a proibição durou quase 40 anos (1941 - 1979) e veio por meio do Decreto-Lei 3.199 (1941) sob a justificativa de preocupação da sociedade com os impactos do esporte no corpo e na saúde reprodutiva da mulher.

Passados 44 anos desde o retorno das mulheres aos gramados, ainda é forte o impacto do longo período de proibição. Contudo, cabe destacar que essa diferença no prestígio, na valorização e no investimento aparece também em outras atividades e profissões em que as mulheres estão inseridas na atualidade, sejam elas historicamente desempenhadas por mulheres ou não. Para Bourdieu (1998/2021), isso ocorre porque, independentemente da atividade, do nível de competência e do comprometimento, é a presença masculina que atribui valor à atividade. Joan Scott (1995) destaca que gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder, na qual, dentro de uma sociedade com o modelo econômico como o vigente, as forças patriarcais atuam de modo perverso no sentido em que se utiliza da subordinação feminina para a manutenção do poder masculino.

As principais inquietações na escolha pelo desenvolvimento desta pesquisa estão relacionadas às claras contradições e dificuldades que permeiam as vivências profissionais de jogadoras de futebol, pois, quando se fala do esporte, é perceptível a ausência de

investimentos e reconhecimento e, mesmo os contextos em que isso ocorre são marcados por desigualdades muitas vezes justificadas por argumentos morais e mitos pautados em diferenças biológicas.

Para melhor compreender e investigar as vivências profissionais das mulheres que atuam ou atuaram profissionalmente como jogadoras de futebol, recorreremos ao campo da Psicologia Social do Trabalho (PST). De acordo com Coutinho, Bernardo e Sato (2017), a PST compreende o trabalho como uma atividade marcada por relações de poder – econômicas, sociais e políticas – e toma como foco as pessoas em sua relação com o trabalho, assumindo portanto um posicionamento crítico, adotando postura ética e política de produção de conhecimento que busca a superação das desigualdades, a emancipação humana, a promoção de direitos e a supremacia dos interesses da população e da classe trabalhadora.

A escolha em desenvolver uma pesquisa com foco nas vivências de mulheres que jogam futebol profissionalmente se deu por meio de aproximações e inquietações provocadas pelos três eixos abordados: futebol, gênero e trabalho.

Optei por fazer essa apresentação dos três eixos considerando a ordem de aproximação com cada tema. Disto isto, inicio tecendo considerações acerca da minha proximidade com o futebol, pois, ser corintiana já era um fato estabelecido antes mesmo de qualquer definição de gênero. De uma família “corintiana roxa”, minhas memórias afetivas de infância são carregadas de encontros familiares para ver o timão jogar, da ida aos estádios aos finais de semana acompanhando meu pai em seus jogos na disputa de campeonatos amadores e varzeanos na cidade em que nasci, Itu.

Diante de tal experiência, nunca me foi imposto que futebol não é coisa de menina, mas também nunca foi dito ou mostrado que era. Lembro-me de só me sentir confortável para

jogar com os meninos (filhos de amigos do meu pai) após o nascimento do meu irmão, porque a justificativa era a necessidade de acompanhá-lo e cuidar dele. Na escola, apesar de algumas vezes jogar futebol com os meninos, acabava optando pelo vôlei por me sentir mais confortável e me sair melhor no esporte, em razão de uma prática mais constante enquanto uma brincadeira. Na qualidade de paixão nacional, o futebol marca a identidade de muitos brasileiros e muitas brasileiras e, estando inserida nesses espaços, conforme ia crescendo, minha principal inquietação passou a ser “meninas não jogam futebol?”, pois não me via identificada com nenhuma referência feminina no esporte.

Após o extenso período de 38 anos de proibição da participação feminina na prática esportiva, a pergunta que marca a infância de muitas meninas e meninos, parece já ter uma resposta um pouco mais aceita. Afinal, está cada vez mais claro que meninas podem **sim** jogar futebol e que esse, como todos os outros esportes e profissões, também é um espaço a ser ocupado pelas mulheres.

Entretanto, se, naquele momento as respostas de sim ou não pareciam convincentes, o que pergunto hoje é o “**como?**”. Como meninas e mulheres podem jogar futebol? Como os espaços frequentados pelas meninas incentivam a participação no esporte? Como elas se inserem nessa prática esportiva? Como elas permanecem nessa prática esportiva? Como as instituições reguladoras do esporte têm cuidado disso? Por fim, a indagação que guia o desenvolvimento desta pesquisa: Como é a experiência de mulheres jogando profissionalmente?

Gênero, antes de constituir-se enquanto um campo de estudos para mim, atravessa a minha experiência de ser mulher. Enquanto uma criança que já questionava a lógica dos papéis incorporados desde a infância, as percepções e desconfortos nesse vivido me acompanharam até aqui. Apesar dos questionamentos, apenas no final do ensino médio, ao

tomar conhecimento das obras de Simone de Beauvoir, ainda que com bastante dificuldade na interpretação de seus escritos, me reconheci enquanto feminista em seu livro “O segundo sexo”. Desde então, tem sido intensa a minha aproximação com os estudos de gênero, especificamente marcado pelo interesse na luta pelos direitos das mulheres. Opor-me e combater o machismo e o patriarcado, juntamente com outras intersecções como raça, classe e sexualidade, são parte da forma como hoje me relaciono com o meu meio social, seja nas relações pessoais com a família e amigos, ou profissionais, enquanto educadora da infância, psicóloga e pesquisadora.

Como psicóloga e pesquisadora minha aproximação com a Psicologia Social do Trabalho teve início ainda na graduação, na disciplina de metodologias de pesquisa, quando cursava o terceiro semestre do curso de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Na ocasião, conheci a orientadora desta pesquisa, Marcia Hespanhol Bernardo, professora que me despertou interesse em conhecer o seu campo de pesquisa e atuação. Assim, passei a integrar o grupo de pesquisa “*Trabalho no contexto atual: estudos críticos em Psicologia Social*”. Inicialmente refletindo a partir de uma experiência anterior na indústria, na ocasião ainda como menor aprendiz, e também considerando as experiências familiares contidas na vivência de ser filha da classe operária, comecei a entender que assim como gênero, o trabalho também é um marcador na nossa identidade e que produz subjetividades.

Durante a graduação tive a possibilidade de desenvolver duas pesquisas de Iniciação Científica que estreitaram a minha aproximação e interesse pelos estudos do trabalho na psicologia e na saúde coletiva. A primeira pesquisa, também orientada pela professora Marcia Hespanhol Bernardo na PUC-Campinas, intitulada “*Nexo entre Trabalho e Desgaste Mental: Os desafios encontrados pelos profissionais de saúde que atuam no âmbito do SUS*”, teve por

objetivo investigar as dificuldades encontradas por profissionais do SUS no estabelecimento do nexo entre adoecimento mental e trabalho. A segunda pesquisa *“Itinerário Terapêutico no entendimento do Adoecimento Mental Relacionado ao Trabalho”*, orientada pela professora Helenice Yemi Nakamura na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), teve por objetivo investigar o processo de adoecimento mental relacionado ao trabalho e os cuidados em saúde, por meio da reconstituição do Itinerário Terapêutico. Além das pesquisas, também tive a possibilidade de desenvolver estágio na área de trabalho, supervisionado pela professora Heloísa Aparecida de Souza na PUC-Campinas, tendo como foco a importância da Atenção Básica na prevenção e promoção da saúde de trabalhadores e trabalhadoras.

A partir de tais experiências, comecei a desenhar o desenvolvimento desta pesquisa, que foi motivada pelas seguintes perguntas: Quais foram/são os principais desafios e possibilidades encontradas no trabalho como jogadora de futebol? Considerando aspectos físicos e psicológicos, quais são os impactos destas vivências na vida destas mulheres? A principal hipótese era de que essas mulheres, enquanto trabalhadoras, tinham enfrentado diversas dificuldades, desde o acesso ao futebol profissional, até sua permanência nele.

Deste modo, o principal objetivo desta pesquisa é **compreender e analisar as vivências profissionais de mulheres jogadoras de futebol**. Os objetivos específicos são: (1) analisar quais foram/são os principais desafios e facilidades (ou fatores facilitadores) encontrados na inserção e permanência no universo futebolístico e (2) entender os impactos dessas vivências na saúde e na vida dessas mulheres.

Diante disso, para melhor apresentar o caminho percorrido durante o andamento da pesquisa, este texto está estruturado em quatro capítulos: no primeiro, subdividido em três seções, apresentamos a fundamentação teórica utilizada para os eixos centrais da pesquisa: trabalho, gênero e saúde. No segundo capítulo, também subdividido em três seções,

discorreremos acerca do futebol enquanto uma prática esportiva altamente rentável, seguindo para uma breve contextualização da experiência da mulher no universo futebolística e, posteriormente, apresentamos o contexto em que a pesquisa ocorre, destacando pesquisas produzidas acerca do tema e as principais iniciativas coletivas e individuais que buscam a ampliação do acesso e valorização do esporte.

No terceiro capítulo, subdividido em quatro seções, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados que envolvem a realização de entrevistas, visitas a um clube de futebol, conversas informais, observação de mídias sociais e diário de campo. Em seguida, evidenciamos as dificuldades encontradas nesse percurso, com as necessárias mudanças que culminaram em uma combinação de procedimentos metodológicos. A aproximação das participantes e a apresentação delas também é uma seção e, diante da necessidade de preservação da identidade de cada uma, são adotados nomes fictícios e ocultados os nomes dos clubes, regiões e cidades de origem. O último ponto apresenta a perspectiva teórica de análise adotada.

No quarto e último capítulo explicitamos os resultados e discussões a partir da análise do material de campo. Este capítulo foi dividido em três seções: a primeira trata da inserção das jogadoras participantes da pesquisa no futebol e os preconceitos que envolvem os problemas de gênero e sexualidade na prática esportiva. A segunda discute os avanços na conquista de direitos e as dificuldades encontradas na experiência profissional que passam por questões legais e de estrutura. A terceira evidencia os impactos das experiências na vida e na saúde dessas mulheres, apresentando também as formas de defesa e resistência identificadas.

Capítulo 1

“Joga a bola no meu pé”¹:

trabalho, gênero e saúde em perspectiva

Este capítulo tem por objetivo apresentar os conceitos teóricos utilizados no desenvolvimento da pesquisa a partir da concepção de trabalho, gênero e saúde. Para tanto, o capítulo está organizado em três partes.

A primeira seção apresenta a Psicologia Social do Trabalho (PST), campo em que se situa esta produção, contextualizando suas importantes contribuições aos estudos que se dedicam à compreensão da relação entre a pessoa e o trabalho, explicitando aspectos que a diferenciam da Psicologia do Esporte. A segunda seção é dedicada à perspectiva de gênero, um importante marcador social, fundamental na compreensão das investigações propostas pela pesquisa. A terceira seção expressa a concepção de saúde assumida na pesquisa, que permite a compreensão do nexos biopsíquico do trabalho a partir da abordagem da Teoria do Desgaste, proposta pela autora Edith Seligmann-Silva.

1.1 .Psicologia Social do Trabalho

A Psicologia Social historicamente conta com diversas definições, diferentes pesquisas e práticas. Na América Latina, o campo da Psicologia Social sofreu grande influência norte-americana e europeia. Conforme afirmam Álvaro e Garrido (2006), a Psicologia Social tem se modificado nos diferentes períodos históricos, a partir das necessidades práticas e teóricas de cada. Martín-Baró (1985) vai além ao afirmar que a Psicologia Social não pode se definir somente a partir daquilo que, nós, enquanto

¹ Os títulos dos capítulos destacados entre aspas (“”) e itálico são trechos retirados da música “Jogadadeira”.

pesquisadoras e pesquisadores, somos capazes de compreender e investigar, pois, reduzi-la a isso, seria uma forma primeira de dar voz somente a quem ocupa um determinado lugar de poder em uma sociedade.

Essa vertente teórica e prática da Psicologia possui forte influência da Sociologia, pois esta se dedica a compreender o meio social. Entretanto, enquanto psicólogos, também estamos atentos à forma como as pessoas estão inseridas nesse meio, tendo como ideia central o estudo das relações e interações humanas (Álvaro e Garrido, 2006). Dessa maneira, essa vertente mais sociológica da psicologia social tem como pressuposto que as relações e interações são permeadas por influências históricas e culturais. Compreendê-las é entender que os sujeitos não se explicam por si mesmos, nem por meio de um determinado grupo com o qual convivem, mas pela interação com outros indivíduos e outros grupos.

Essa perspectiva ganha força no contexto Sul-americano, onde se desenvolve *“uma Psicologia que reconhece o caráter histórico dos fenômenos que estuda [...] que reconhece o caráter ativo dos sujeitos de pesquisa, produtores de conhecimentos, que reconhece igualmente o caráter dinâmico e dialético da realidade social”* (Montero, 1984/2007, p.49). Nesse sentido, Martín-Baró (1985) afirma que, ao Psicólogo Social, cabe investigar e perceber em que medida uma ação humana foi constituída por meio de outra ação humana e, assim, vai além de uma análise individualizada, buscando *“encontrar referências concretas entre cada ação e cada sociedade”* (p.10).

A relação das pessoas com o trabalho é um dos exemplos de propostas investigativas dentro desse campo, pois, as relações de trabalho são marcadas por relações de poder, de dominação, de troca, de desenvolvimento etc; que foi e, continua sendo, modificada de acordo com as mudanças em determinados contextos históricos, configurando-se como atividade constitutiva da vida em sociedade. Também é um importante fator de integração,

tanto para a subsistência quanto no âmbito cultural e social. Bernardo (2009) destaca que a relação do ser humano com o trabalho se deu de diversas formas, sendo que, nas situações nas quais ele é subordinado, frequentemente, estão presentes o desgaste físico e mental das trabalhadoras e dos trabalhadores.

No campo da Psicologia Social no Brasil, é a Psicologia Social do Trabalho (PST) que tem se dedicado e contribuído com os estudos que tomam o trabalho como objeto de pesquisa e intervenção. A Psicologia Social do Trabalho, toma como foco a pessoa em sua relação com o trabalho. Nesta concepção, em oposição à centralidade dos interesses da organização, a ênfase está no trabalhador e na trabalhadora em sua relação com o trabalho. De acordo com Bernardo et al. (2017), na PST, o trabalho é marcado e “determinado pelas relações de poder” (p. 21) demarcado, em nosso país, pelo contexto capitalista de caráter neoliberal. Desse modo, é possível observar que as diferenças deste campo com relação à abordagem da Psicologia Organizacional não se concentram apenas nos aspectos teóricos e metodológicos, mas também ético-políticos (Bernardo, Oliveira, Souza & Sousa, 2017).

Assim, a PST tem se debruçado no estudo do trabalho como dimensão central para compreender a organização social, entendendo a trabalhadora e o trabalhador como pessoas que se relacionam com o meio e não como simples objetos que servem aos interesses da ordem social posta. Sato, Coutinho e Bernardo (2017) sinalizam que esse enfoque parte do princípio de que os contextos laborais e de trabalho são espaços de sociabilidade, portanto produtores de subjetividade e identidade – seja no sentido da promoção da saúde e da emancipação humana ou como espaços de adoecimento e dominação social. Portanto, o trabalho é compreendido como um fenômeno complexo, que deve ser analisado de forma histórica e cultural, em detrimento de uma análise reduzida que se pauta na compreensão dos problemas relacionados apenas a conflitos de nível interpessoal e/ou nos interesses da gestão.

Esse campo assume, então, um posicionamento crítico e contra-hegemônico, adotando postura ética e política de produção de conhecimento que busca a superação das desigualdades, a emancipação humana, a promoção de direitos e a supremacia dos interesses da população e da classe trabalhadora.

No que diz respeito ao campo do esporte, historicamente, as contribuições da Psicologia se deram por meio da Psicologia do Esporte que não se dedica a compreender as relações das pessoas com a atividade esportiva e, sim, o indivíduo. Em publicação anterior (Vieira & Rodrigues, 2021), já sinalizamos que a postura adotada pela Psicologia do Esporte se assemelha muito mais às práticas da Psicologia Organizacional, que tem como foco os resultados, do que à Psicologia Social do Trabalho que se dedica a compreender a pessoa em sua relação com a atividade desempenhada.

Rubio (2007) reconhece a importância e a necessidade da presença de uma profissional que cuide da saúde mental das jogadoras e dos jogadores. Porém, conforme sinalizado, é importante também ampliar e avançar em termos estruturais que vão além de uma influência motivacional, mas que digam a respeito às condições precarizadas de trabalho e aos impactos de tais condições na vida de atletas, pois essa é a realidade presente na atividade laboral cotidiana de uma parcela significativa das jogadoras focalizadas nesta pesquisa, tanto quanto de trabalhadores e trabalhadoras de outras modalidades esportivas. Esta é uma consideração importante tendo em vista que a Psicologia do Esporte, por vezes, reproduz esse trabalho motivacional de forma descontextualizada e tal postura pode atribuir ainda mais pressões e sentimentos de insuficiências entre profissionais, ou seja, novamente centrada nos resultados e interesses financeiros. É por esta razão que, a partir dos objetivos definidos, optou-se por adotar os preceitos da PST no desenvolvimento desta pesquisa.

1.2. Perspectiva de gênero

As análises dos processos de trabalho são – ou pelo menos deveriam ser – articuladas com outras dimensões fundamentais para a compreensão do funcionamento da sociedade, tais como raça, classe, gênero, história de vida, sexualidade, entre outras. Ou seja, para estudar o fenômeno do trabalho em sua complexidade, é fundamental trazer à luz outras categorias analíticas que auxiliam a compreensão dos processos que organizam as relações sociais. Em complementaridade, partindo da premissa de que o trabalho é marcado por relações de poder – sociais, econômicas e políticas – não há como ignorar essas intersecções.

No âmbito da Psicologia brasileira, foi também na Psicologia Social de cunho mais sociológico que os estudos de gênero foram incorporados com maior força. Para Santos et al. (2016), isto aconteceu em contraposição à incorporação acrítica de modelos teóricos norte-americanos, à suposta neutralidade da ciência e pela necessidade de produção de aportes teóricos construídos a partir da realidade latino-americana. Este movimento possibilitou a construção de um solo fértil para a incorporação da temática gênero em estudos situados na Psicologia Social Brasileira.

Tendo em vista que se trata de uma categoria de análise importante nesta dissertação, se faz necessário conceituar e apresentar a perspectiva adotada aqui. No texto clássico de Joan Scott (1995), *“Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”*, a autora discorre sobre a dificuldade de se conceituar gênero, pois tal termo, além de possuir polissemia de sentidos, foi utilizado de diferentes formas pelo movimento feminista e pelo meio acadêmico. A essa linha argumentativa, Santos et al. (2016) destacam que os estudos no campo do gênero são marcados por uma heterogeneidade epistemológica, teórica e metodológica.

Lattanzio e Ribeiro (2018) destacam que, embora o conceito de gênero tenha encontrado destaque nas análises e discussões do meio acadêmico e dentro dos movimentos

sociais nas últimas décadas, já em 1782, Mary Wollstonecraft², apontava que as diferenças sociais entre homens e mulheres eram consequência dos papéis sociais atribuídos a eles e que, portanto, não deveria se justificar por fatores biológicos ou religiosos.

Neste trabalho, nos orientamos pela perspectiva apresentada por Joan Scott (1995), segundo a qual gênero “*é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos*”, sendo “uma forma primeira de significar as relações de poder” (p. 21). Portanto, para a autora, não se trata de uma categoria meramente descritiva de diferenciações sociais e culturais entre corpos sexuados, mas de uma construção social que é permeada de relações de poder, tendo em vista a supremacia masculina e a subjugação da mulher. Assim, gênero é também constitutivo da vida em sociedade, não sendo possível traçar análises históricas ou sociais sem pensar nessa dimensão. Fazer isto seria reproduzir estruturas sociais que reforçam relações desiguais de poder.

Joan Scott (1995), ao analisar o campo disciplinar da História, evidencia que a utilização de gênero de forma descritiva limita a possibilidade analítica dessa categoria, pois abordagens que partem dessa compreensão, “*não questionam os conceitos dominantes no seio da disciplina ou pelo menos não os questionam de forma a abalar o seu poder e talvez transformá-los*” (p. 5). Nesse sentido, os estudos que partem de tal perspectiva comumente usam esse termo para remeter ao estudo dos fenômenos relativos às mulheres, descrevendo características e processos específicos do ser mulher em sociedade, em especial as mulheres brancas, sem questionar tal conformação social. Em outras palavras, sem o compromisso de romper com o paradigma instituído de produção de conhecimento centrada na figura masculina.

² Filósofa inglesa com grande destaque na luta pelos direitos das mulheres.

Para Scott (1995), precisamos ir além do uso descritivo e utilizar “gênero” como uma categoria de análise, ou seja, uma categoria que posiciona as análises politicamente, contextualizando as relações de poder instituídas historicamente, articulando outras dimensões como raça e classe. Para tanto, a autora salienta que:

Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Temos que ficar mais atentas às distinções entre nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar. Temos que encontrar os meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica. (...) essa crítica significa analisar no seu contexto a maneira como opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando a sua construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como real, como óbvia ou como estando na natureza das coisas (Scott, 1995, p. 18).

Conforme sinalizado por Scott (1995) e também discutido por outras autoras que propõem uma análise interseccional, tais como Davis (1981/2016) e Collins e Bilge (2021), é necessário irmos além do descritivo gênero, contextualizando outras intersecções que envolvem raça, classe, sexualidade, nacionalidade, entre outros marcadores que engendram identidades. Carneiro (2011) chama a atenção para a importância de que esses aspectos não sejam ignorados ou colocados dentro de uma suposta ‘universalidade de lutas’ nos movimentos sociais, como foi feito por diversos movimentos de trabalhadores que ignoraram as questões relativas às mulheres e como também fez o feminismo ao ignorar pautas importantíssimas para as mulheres negras, inclusive em produções acadêmicas. De acordo com a autora, ao fazer isso, coloca-se à margem os interesses de determinados grupos que, por consequência, ficam impedidos de usufruir das conquistas.

Tal impedimento caracteriza-se por uma situação de violência que pode ser pautada no colonialismo, no patriarcado, no escravagismo, no fundamentalismo religioso, entre outras opressões que, de acordo com Faustino (2018), torna o outro “inessencial”, no sentido de que

esse outro não é reconhecido como par e, sim, como coisa. Por isso a importância do reconhecimento e da incorporação das intersecções nos movimentos sociais, na academia, entre outros espaços importantes de práxis. Davis (1981) faz um apontamento importante ao dizer que a luta de raça, gênero e classe devem coexistir e que somente a libertação das mulheres negras - pessoas últimas na pirâmide de direitos, privilégios e acessos na sociedade - garantirá que estamos no caminho para a superação das desigualdades.

Collins e Bilge (2021) chamam a atenção para a maneira como as intersecções operam no funcionamento do sistema econômico vigente no Brasil, que tem raízes escravistas. De acordo com as autoras, historicamente pautado no mito da democracia racial, o Brasil tem rejeitado e inviabilizado a emancipação e superação das desigualdades que assolam a população negra. Discursos como “somos todos brasileiros” ou “somos todos iguais” são artificios que contribuem para o apagamento das identidades que compõem a nossa sociedade, descaracterizando, dessa forma, importantes movimentos e políticas sociais que têm como objetivo a transformação dessas realidades negadas.

Para Federici (2021), o machismo e o racismo são estruturas elementares na sociedade de classe. De acordo com Fanon (2010), a relação entre o racismo e o acúmulo de riquezas está intimamente relacionada no sentido mais óbvio de causa e consequência. Saffioti (1969/2013) também define a questão de gênero como um marcador importante nesse sentido, principalmente se considerada a realidade das mulheres negras. Tendo em vista que as relações de trabalho são permeadas por relações de poder, as opressões de gênero e de raça sustentam-se e são sustentadas pelos interesses do capital.

Gonçalves Filho (1998) aponta a dificuldade, dentro de uma sociedade de classes, da existência de um sentimento de satisfação pessoal que não gere uma insatisfação em outras pessoas ou grupos. Isso porque a satisfação pessoal, no geral, pressupõe alguns acessos que

são estritamente reservados a uma parcela da população e amplamente negados a outras. Compreender que as opressões de gênero e de raça são fundamentais para o funcionamento desse sistema que privilegia uma parcela da população em detrimento de outra, é reconhecer a intencionalidade na manutenção dessas hierarquias, que resulta também na pouca possibilidade de participação de determinados grupos em outros campos sociais e políticos (Saffioti, 2013; Biroli, 2016).

Cabe destacar que as mulheres, ao longo das últimas décadas, têm conquistado maior representatividade no mercado de trabalho, mas, ainda assim, as tarefas domésticas continuam sob sua responsabilidade. Além disso, a participação feminina, principalmente da mulher negra, no mercado de trabalho é mais instável e frágil do que a dos homens. Saffioti (2013) define essa inserção periférica como ‘exército de reserva’, na qual a presença das mulheres em determinadas funções, flutua conforme as necessidades produtivas em determinado momento político, econômico e social. Isso ficou evidente na situação pandêmica na qual as mulheres foram as mais afetadas com o desemprego, representando 71,9% dos empregos perdidos durante o ano de 2020, de acordo com dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Biroli (2016) chama a atenção para o fato de que, não por acaso, as profissões que possuem maior representatividade feminina são aquelas que envolvem o trabalho do cuidado e da educação e a porcentagem de mulheres em cargos de gerência nas empresas continua ínfima. Saffioti (2015), considera que essa proporção maior de mulheres nas atividades de trabalho que se relacionam com o cuidado e a educação está relacionado com a concepção de que essas são tarefas tipicamente femininas - em conformidade com os estereótipos de delicadeza e sensibilidade atribuídos às mulheres - que tornam o trabalho desempenhado fora do lar uma mera extensão do trabalho doméstico.

A partir de uma divisão sexual do trabalho, este lugar de cuidado representado pelos estereótipos femininos, é discutido pelas autoras Hirata e Kergoat, 2007, Saffioti, 2015 e Federici, 2021, como trabalho reprodutivo. Para elas, o trabalho reprodutivo é uma base que permite a organização do sistema produtivo. É um trabalho não reconhecido e não remunerado, desempenhado por mulheres dentro dos lares, centrado nas tarefas domésticas de limpeza e cuidado, atividades que garantem a execução do trabalho remunerado e, portanto, contribuem também para o acúmulo de riquezas. Para Federici (2021), ainda que o trabalho reprodutivo não gere um claro retorno financeiro, ele é um momento, uma parte essencial na produção capitalista cotidiana.

A limitada participação de mulheres ocupando cargos de gerência pode ser notada também na maior parte dos campos de trabalho que, historicamente baseados em mitos, são tidos como “profissões masculinas”. É o caso das mulheres jogadoras de futebol profissional – foco desta pesquisa – que lutam até hoje para ocupar um lugar de dignidade dentro da profissão, que conta com um histórico de proibições e reprodução de uma violência institucionalizada.

1.3 Concepção de saúde

Para que se compreenda o nexos biopsíquico com o trabalho, é necessário considerar os processos históricos e sociais que envolvem o desenvolvimento da atividade laboral. Assim, para analisar os impactos do trabalho na vida das mulheres que jogam futebol, esta pesquisa se utiliza do conceito de desgaste mental, proposto por Edith Seligmann-Silva (2011) no campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho (SMRT).

Uma das bases dessa perspectiva é a Medicina Social Latino Americana, que, partindo do materialismo-dialético, se propõe a analisar os processos de trabalho a partir de uma perspectiva biopsíquica que considera também aspectos históricos e sociais (Laurell e

Noriega, 1989). Seguindo nessa linha, Seligmann-Silva (2011) afirma que o desgaste mental pode ser entendido como um produto que resulta de relações desiguais de poder no trabalho, compreendendo que o trabalho passa por determinações políticas e econômicas, que atuam nas capacidades biopsicossociais de cada indivíduo. Estas determinações podem ser identificadas em diferentes contextos, incluindo a atividade de jogadora de futebol.

Segundo a autora, a forma como as relações de trabalho se estabelecem é diferente em cada período histórico, sendo diretamente influenciada pelas diferenças sociais, políticas, econômicas, culturais, entre outros fatores. Compartilhamos a perspectiva da autora na compreensão de que as análises que envolvem a relação entre a atividade laboral e a saúde mental devem levar em conta os contextos que a determinam desde o campo macrossocial e macroeconômico até os aspectos individuais.

Seligmann-Silva (2011) destaca a existência de fontes determinantes na produção de sofrimento, apresentando-os em cinco patamares: patamar internacional, com a divisão internacional do trabalho, processos econômicos mundiais, entre outros; o contexto nacional, que inclui as leis trabalhistas existentes em cada país, além das políticas de educação, moradia, saúde etc; o patamar das empresas, no qual cada empresa estabelece suas regras e políticas internas de funcionamento; o patamar microsocial, que são as relações entre as pessoas que trabalham, a organização do trabalho e as estruturas do ambientes; e o patamar individual que conecta a história pessoal com os outros patamares.

Para a autora, os processos descritos estão intimamente relacionados, não sendo adequado traçar uma análise das relações de trabalho e sofrimento mental a partir de uma visão individualizante e biologizante do sofrimento sem considerar tais contextos.

Ao discutir a “*Excelência como ideologia e como Cultura*” (Seligmann-Silva, 2011, p.494), destaca que, na perspectiva de competição e individualização com o máximo de

resultados incentivado pela máxima da produtividade nas organizações, a trabalhadora e o trabalhador são levados a crer que são invencíveis, passam a acreditar que possuem uma força e uma resistência maior do que o real e que colegas de trabalho devem se comportar da mesma forma. Assim, extrapolam seus próprios limites, tornando-se também insensíveis ao sofrimento do outro. Daí a necessidade de se considerar as fontes que atuam no interior do processo de desgaste.

Igualmente, destacando a importância de uma análise contextualizada, Danièle Linhart (2014) também faz considerações sobre as diferentes expressões e o impacto da organização do trabalho sobre os indivíduos. Ao versar sobre a “Modernização e precarização da vida no trabalho”, chama a atenção para os processos que define como precariedade subjetiva e precariedade objetiva. De acordo com a autora, a precariedade subjetiva se caracteriza pelo sentimento de insegurança causado pelas exigências cada vez maiores nos postos de trabalho e o constante medo que as trabalhadoras e trabalhadores possuem de não atendê-las. Enquanto a precariedade objetiva está atrelada a condições e ambiente físico de trabalho no qual a trabalhadora e o trabalhador estão inseridos. Ambas as precariedades podem produzir adoecimentos físicos e mentais.

Essas considerações convidam a refletir acerca dos referenciais de saúde que têm sido adotados no trabalho como futebolista. Laurell e Noriega (1989) afirmam que saúde é também ter meios para intervir sobre a sua própria realidade. Porém, considerando todos os fatores apontados anteriormente, é necessário pensar sobre qual modelo de saúde tem se produzido no futebol, posto que, o poder das jogadoras e dos jogadores em agir e modificar essas situações torna-se bastante limitado dentro das condições e da lógica a que estão submetidos.

Capítulo 2

“Tá correndo atrás do sonho e sabe o quer quer”:

futebol e mulheres



Acervo: museu do futebol

Para contextualizar a inserção e participação feminina no futebol na atualidade, este capítulo está organizado em três seções. A primeira, *“Do lazer ao negócio: futebol em números”*, apresenta brevemente os números alcançados pela mercantilização do futebol, que transformou o esporte em uma prática altamente rentável. A segunda, *“A mulher no universo futebolístico”*, trata da inserção das mulheres no universo futebolístico, abordando as contradições e as dificuldades históricas de acesso e permanência na prática esportiva profissional. A última seção, *“Futebol de Mulheres na América Latina: visibilidades e avanços”*, apresenta uma revisão das produções desenvolvidas no Brasil nos últimos cinco anos, além de evidenciar outros projetos de relevância à prática esportiva.

2.1. Do lazer ao negócio: futebol em números

O futebol, nas últimas décadas, tem se configurado como um grande negócio gerando altíssimas receitas entre os principais clubes e campeonatos do mundo. Os clubes e

campeonatos europeus são, atualmente, os responsáveis por gerar os maiores faturamentos. De acordo com um levantamento publicado pela Deloitte (2019), uma importante empresa de auditoria e consultoria empresarial, a receita gerada pelos 20 maiores clubes do mundo – todos europeus – na temporada de 2018, ultrapassa a marca de € 8 bilhões e chega a € 8,3 bilhões. Juntos, o faturamento dos três principais clubes do mundo na atualidade, Real Madrid, Barcelona e Manchester United, representa mais de 25% deste valor.

Além de gerar receitas bilionárias para os clubes, o futebol tem impactado também a economia. A Sports Value (2018), uma empresa especializada em marketing esportivo, divulgou dados que mostram os impactos da Liga dos Campeões da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA), na temporada de 2017. Os resultados mostram que o impacto total da competição supera € 3,6 bilhões, considerando: o impacto econômico direto; impacto econômico indireto, que compreende a geração de empregos/renda, impostos e indução de diferentes setores; impacto no setor do turismo e transporte; e o impacto da final para a cidade anfitriã.

O futebol brasileiro, apesar de não atingir faturamentos tão altos quanto o dos países europeus, segue alcançando números expressivos e batendo recordes. De acordo com estudos realizados pela Sports Value (2020), em 2019, o número de clubes que geraram receitas superiores a R\$ 400 milhões é recorde, sendo seis no total. Ainda de acordo com a empresa, na temporada de 2019, que antecedeu o ano de início da pandemia, o faturamento do Clube de Regatas do Flamengo atingiu R\$950 milhões, seguido pelo Palmeiras com R\$642 milhões e o Internacional com R\$442 milhões. Destacamos que a base que orienta a arrecadação dos clubes é formada por: compra e venda de jogadores, premiação das competições, rendas das partidas, programas de sócio-torcedor e venda de produtos com direitos de imagem.

Considerando as receitas dos clubes, das 27 federações estaduais e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o volume total gerado pelo mercado brasileiro de futebol foi de R\$ 6,8 bilhões, sendo que, deste valor, mais de 80% é de responsabilidade dos 20 maiores clubes brasileiros (Sports Value, 2020).

Um dado importante a ser destacado em dois estudos apresentados pela Sports Value é a centralidade da televisão. Considerando o impacto geral da Liga dos Campeões da UEFA, em 2017, os direitos de TV representaram mais de 47% do faturamento. Na temporada brasileira de 2018, ao considerar como fonte de receita os direitos de televisão, transferências, patrocínios, bilheteria e outras fontes, os direitos de televisão aparecem como a maior delas, somando R\$ 2,1 bilhões entre os 20 clubes que mais faturaram, o que representa quase 40% do total. Estes dados ressaltam a importância e influência da mídia no futebol (Sports Value, 2019).

No entanto, nem sempre o futebol foi considerado como um meio de obtenção de lucro. No Brasil, o esporte sofreu forte influência europeia, principalmente inglesa, em sua constituição, sendo praticado inicialmente como uma atividade social, que promovia a socialização em espaços coletivos e proporcionava momentos de lazer. Sem finalidade econômica, o futebol começou a ser difundido no país no início do século XX e tinha uma clara divisão de classes sociais entre seus praticantes. Os operários, principalmente os que trabalhavam em empresas de origem britânica e os jovens da elite brasileira – que queriam se aproximar dos modos de vida europeus – eram os maiores interessados na prática esportiva. As equipes não se misturavam, a não ser em momentos de competição entre os times dos “patrões” contra os times dos negros e operários (Mascarenhas, 2012).

Contudo, apesar de nunca ter deixado de ser praticado como uma atividade de lazer, na Era Vargas, o sucesso dos campeonatos que atraiu cada vez mais público e despertou o

interesse em transformar o futebol em um “negócio” que, incentivado pela criação de políticas que influenciavam a prática e profissionalização da atividade, contribuiu para que ganhasse cada vez mais espaço no mercado (Mascarenhas, 2012). Naquele momento, a elite assumiu outro papel dentro do futebol, o de financiar, gerir e controlar os clubes, enquanto as pessoas de classe mais baixa passaram a enxergar na profissionalização do esporte uma possibilidade de ascensão social (Ecoten & Corsetti, 2010).

Essa mudança adiciona uma nova característica ao futebol, que passa a funcionar também dentro da lógica mercantilista e torna-se uma fonte de lucro. A implantação da lógica capitalista transforma o futebol em negócio, no qual as relações sociais que envolviam a prática do esporte são ocultadas e a essência do futebol enquanto atividade é apropriada pelo mercado (Gonçalves & Carvalho, 2006).

2.2. A mulher no universo futebolístico

Nesse contexto histórico, é interessante pensar: qual era o lugar ocupado pelas mulheres no futebol? A mulher sempre esteve envolvida no universo futebolístico, entretanto, as formas de participação foram se modificando ao longo do tempo. A palavra “torcer”, bastante difundida no futebol, por exemplo, foi incorporada por mulheres da elite que iam aos jogos prestigiar seus companheiros e, por pertencerem à alta classe, era esperado recato e discrição que as limitavam a demonstrar o nervosismo pelo jogo torcendo pedaços de panos nas arquibancadas (Ecoten & Corsetti, 2010).

No entanto, é somente a partir do início do século XX que a participação feminina ganha mais visibilidade e passa a ocupar também um território que era essencialmente masculino: o da prática esportiva. Cabe ressaltar que, ainda no início daquele século, as atividades físicas praticadas por mulheres tinham fins reprodutivos, sob a justificativa de que corpos fortes e saudáveis produziram povos fortes e saudáveis. Entretanto, não era qualquer

atividade que poderia ser praticada, pois, algumas delas eram consideradas incompatíveis com a feminilidade, como o futebol (Goellner, 2005a).

No contexto brasileiro, foram muitas as dificuldades encontradas para que a participação feminina nos esportes de todo tipo, como lazer ou como atividade remunerada, fosse consolidada. Em algumas práticas, essas dificuldades permanecem, como no caso do futebol. Ainda que as mulheres brasileiras pratiquem tal atividade desde o início do século XX, a participação masculina sempre foi muito superior em números e direitos (Goellner, 2005a).

Essas dificuldades estão diretamente relacionadas a legislações que impossibilitaram o investimento e criação de políticas que, de alguma forma, fomentassem o futebol de mulheres. Diversos países, como a Inglaterra, Alemanha, França e o Brasil, em determinados períodos, proibiram a prática do futebol por mulheres e outros esportes que foram classificados como contrários à “natureza feminina” (Goellner, 2005). No Brasil, o Decreto-Lei de abril de 1941, em seu Art. 54, instituiu que “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (Brasil, 1941).

Cabe destacar que as diferenças biológicas são questionáveis. Saffioti (2015) considera que gênero e sexo são uma unidade, uma vez que a sexualidade biológica está submetida e influenciada pelo contexto social. Lenskyj (1986) destaca que as práticas esportivas entre mulheres colocam em questão as justificativas biológicas que contribuem com a preservação do patriarcado e sustentam a subordinação feminina, já que o esporte pode se constituir como um meio para a superação das desigualdades de gênero.

Tais considerações permitem compreender que a proibição da prática desse esporte entre mulheres vai além das “preocupações” relativas ao mito da inferioridade e limitação biológica, ela representa mais uma forma de os homens manterem seu lugar de poder. Para

isso, se utiliza também de argumentos morais, como a suposta vulgaridade presente na exposição dos corpos durante os jogos e de que o futebol é um espaço para honras e conquistas (Goellner, 2005a).

É importante ressaltar que, em 1979, o futebol voltou a ser legalmente praticado por mulheres no Brasil. Já na década de 1980, surgiram diversos times femininos pelo país. No entanto, se em 1941 determinadas práticas esportivas foram proibidas pautadas em argumentos morais e em mitos de diferenças biológicas, no final dos anos 70, a erotização dos corpos fortaleceu a espetacularização da modalidade no Brasil (Goellner, 2005a).

A edição de 2001 do “Paulistana”, versão feminina do Campeonato Paulista, retrata bem essa erotização. Naquele ano, a Federação Paulista de Futebol (FPF), com o objetivo de atrair patrocinadores e público aos jogos, veiculou na mídia propagandas que garantiam um campeonato que uniria futebol e beleza, no qual, a participação estaria condicionada, sobretudo, a requisitos estéticos e de faixa etária: só seriam aceitas jogadoras com idade inferior a 23 anos (Knijnik & Vasconcellos, 2003).

Os fatos indicam que existem diferenças bastante perceptíveis no que diz respeito à mercantilização do futebol masculino e feminino. Se, entre os homens, a habilidade em campo torna-se produto, entre as mulheres, a sexualização dos corpos foi e ainda é vista como mercadoria.

Cabe dizer que o futebol das mulheres tem alcançado maior visibilidade, como no caso da última Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino, na qual foram atingidos números expressivos, com recordes de audiência, além dos investimentos cada vez maiores, principalmente entre os clubes europeus. No entanto, essa visibilidade não se apresenta de forma constante e definitiva. Pelo contrário, o futebol das mulheres só é posto em evidência nos momentos em que ocorrem as grandes competições como a Copa do Mundo, as

Olimpíadas, os Jogos Pan-Americanos ou, no contexto brasileiro atual, na final do campeonato.

As considerações de Bourdieu (2021) a respeito do trabalho qualificado e não qualificado, parecem adequadas no esclarecimento das dificuldades para inserção, permanência e valorização do trabalho das mulheres como jogadoras de futebol. De acordo com o autor, a divisão entre o trabalho qualificado e o trabalho que não exige qualificação não é determinada pelo valor da atividade em si, nem pelo saber das pessoas que o desempenham e, sim, por qual dos gêneros ela é desempenhada. Dessa forma, é a presença do homem que atribui qualificação à tarefa.

Ainda de acordo com o autor, os avanços e mudanças radicais em determinados contextos de trabalho, como o aumento da presença feminina, não garante que elas sejam hierarquicamente reconhecidas pelo trabalho real que desempenham, ou ainda, que o valor do trabalho masculino deixará de ser eminentemente superior (Bourdieu, 2021). Como exemplo disso, destaca-se a discrepância salarial entre a principal jogadora brasileira e o principal jogador, em atividade em 2018. Um levantamento feito pela revista France Football (2019) mostrou que, naquela temporada, Marta Vieira da Silva, jogadora do Orlando Pride, eleita por seis vezes a melhor do mundo pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), ganhou o que representa aproximadamente 0,3% do salário de Neymar dos Santos Júnior, jogador do Paris Saint-Germain Football Club, que nunca foi eleito o melhor do mundo pela FIFA.

Tais diferenças se aplicam também à realidade global. Ainda de acordo com o levantamento da revista, se somados os salários das cinco jogadoras mais bem remuneradas na temporada de 2018, que inclui a jogadora Marta, obtém-se aproximadamente o valor de R\$7,7 milhões de reais, que não representa nem um décimo do que foi faturado pelo quinto

jogador mais bem remunerado no mesmo período, o ex futebolista Gareth Bale, que na ocasião representava o Real Madrid Club de Fútbol (France Football, 2019).

A seleção feminina dos Estados Unidos, país onde a prática do futebol tem pouca tradição entre homens, é a maior campeã de Copas do Mundo FIFA de Futebol Feminino, tendo, em 2019, alcançado sua quarta conquista, entre as sete edições do campeonato. Entretanto, nem mesmo esse fato, aliado à ausência de grandes destaques masculinos no país, é suficiente para superação das desigualdades de gênero na profissão. Em 2016, cinco atletas da seleção norte americana de futebol apresentaram uma queixa por discriminação salarial à Comissão de Igualdade de Emprego. A ausência de soluções levou, em 2019, à abertura de um processo coletivo, realizado pelas então jogadoras, contra a Federação de Futebol dos Estados Unidos (US Soccer), sob a justificativa de discriminação de gênero institucionalizada, que envolve não apenas as diferenças salariais, mas também a maior frequência de jogos, a inferioridade nos treinamentos e nos tratamentos médicos e a diferença entre os meios de transporte utilizados.

Na edição de 2019 da Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino, a brasileira Marta, jogadora mais premiada da história e maior artilheira de todas as copas, optou por participar sem patrocínio. Isto porque, de acordo com a jogadora, o valor que os patrocinadores ofereceram estava muito abaixo do que é pago a um homem com histórico de conquistas inferior ao dela. Também em forma de protesto contra as desigualdades de gênero que permeiam o trabalho como jogadora de futebol, a principal atleta da seleção norueguesa, Ada Hegerberg, decidiu não participar do campeonato.

Marcada não só pela desigualdade salarial, a realidade do futebol jogado pelas mulheres no Brasil, envolve também investimentos inferiores que resultam em ambientes de trabalho precário, baixo reconhecimento e prestígio social, menos oportunidades, além do

machismo que desqualifica o saber e domínio da atividade que as mulheres têm enquanto jogadoras (Salvini & Marchi Júnior, 2016). Se o futebol masculino, nos principais clubes nacionais, se caracteriza por grandes investimentos, salários milionários e centros de treinamento de alto padrão, no caso dos mulheres, mesmo nos maiores clubes, conta com prestígio e investimento infinitamente menores; vivências que serão objetos de estudo da pesquisa apresentada nesta dissertação.

É importante ressaltar que o universo futebolístico é dotado de contradições no que diz respeito às condições de trabalho e treinamentos aos quais estão submetidos os jogadores e as jogadoras, desde as categorias de base. A morte de 10 atletas das categorias de base do Flamengo, no ano de 2019, é um exemplo disso. Embora sejam questões que merecem atenção e devidas considerações, este estudo será construído a partir de vivências de jogadoras que já atuam ou atuaram na equipe principal de grandes clubes com times femininos.

Apesar do discurso de superação da desigualdade social por meio do esporte, na prática, existem diversas contradições que raramente são expostas e discutidas. Por trás do que é midiático, as situações de trabalho da maior parte dos jogadores e jogadoras são extremamente precarizadas e instáveis. O próprio discurso de superação da desigualdade torna a questão individual. Ainda que algumas realidades sejam de fato transformadas, elas não resolvem, tampouco contribuem para o avanço na resolução de problemas que são coletivos (Collins & Bilge, 2021).

As mulheres que jogam futebol confrontam diretamente estereótipos machistas, pois o futebol foi instituído como uma prática masculina. No caso das mulheres brancas, como destaca Gonzales (1984), há uma quebra das expectativas no sentido em que se rompe com a ideia da mulher como “dona de casa”, mãe e esposa. Com as mulheres negras, há um

rompimento com o paradigma do corpo sexualizado, posto que, a feminilidade é um dos argumentos que sustentaram por muito tempo o impedimento das mulheres jogarem futebol. É importante dizer que ambas as formas de violência, seja o corpo sexualizado ou a visão de que a mulher deve desempenhar o papel de ‘bela, recatada e do lar’, estão presentes no cotidiano de mulheres brancas e negras. Entretanto, há que se considerar os aspectos históricos contidos na experiência do ser mulher em uma sociedade que é racializada.

No Brasil, embora não existam dados que nos permitam afirmar que o futebol é marcadamente constituído por corpos negros e periféricos, é possível notar a marcante presença de tais identidades em campo. Mascarenhas (2014) destaca que a modalidade esportiva da forma como se constitui na atualidade, além de não contribuir efetivamente para a luta de classes, também reforça estereótipos racistas, como a espetacularização dos corpos negros por meio da utilização de seu potencial físico. O autor enfatiza que há uma evidente divisão de classe e raça nos estádios de futebol brasileiro, resultado de um processo histórico de mercantilização do futebol, no qual, a elite assume o controle e, conseqüentemente, o lucro. Como exemplo disso, basta observarmos a setorização das arquibancadas, os altos valores de ingresso que impedem determinadas classes sociais de frequentarem os jogos e quem são os donos dos clubes e empresários que estão por trás de cada corpo negro que dá “show” nos gramados.

Nesse sentido, Faustino (2018) afirma que esse lugar em que os corpos negros são colocados tem raízes na colonização: “É esta a raiz da figuração do colonizado como um ser enclausurado em seu corpo, tido quase sempre como bruto, rústico e emocionalmente instável” (p. 154), de forma que o jogo de futebol coloca em evidência características e comportamentos que não são aceitos socialmente, mas que, dentro de campo, são

transformadas em aspectos fundamentais para um bom desempenho e que contribuem para a geração de altas receitas para os clubes e instituições.

2.3. Futebol de Mulheres na América Latina: visibilidades e avanços

Conforme sinalizado por Bosi (2013), a realização de um “estudo exploratório” é etapa indispensável ao trabalho de pesquisa nos estudos sociais. Desse modo, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do tema para compreender de que forma o futebol das mulheres tem sido abordado em pesquisas recentes. Esta etapa foi realizada por meio de um levantamento de artigos na plataforma oficial CAFE - Periódicos CAPES e contemplou um período de cinco anos, 2018 a 2022.

Foram utilizados os descritores “mulher*” e “feminin*”, combinados com “futebol” em uma primeira etapa de busca, chegando ao número de 158 artigos, incluindo artigos em português, espanhol e inglês. Como critérios de inclusão foram selecionados os artigos revisados por pares, que tratassem de questões relativas ao futebol das mulheres de campo na América Latina e que tivessem como foco as jogadoras. Foram excluídos os artigos de revisão de literatura, ensaios teóricos, entrevistas, resenhas, apresentação de livros e dossiês temáticos, artigos que não tinham como foco as mulheres em campo, artigos que tratavam da participação feminina em outros setores futebolísticos (torcida, imprensa etc) e estudos focados em países que não fazem parte da América Latina. Após o estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, chegamos ao número de 46 artigos.

Dos 46 artigos selecionados, 43 discutem exclusivamente as jogadoras de futebol. Entre os outros três, dois traçam uma análise comparativa entre questões físicas de homens e mulheres que jogam futebol e um analisa outras intersecções de raça e sexualidade no universo futebolístico, incluindo experiências masculinas. *A figura 1* demonstra que, entre os anos de 2020 e 2021, houve um crescimento expressivo no número de publicações sobre o

tema, apresentando tendências de queda no ano de 2022 que, em números, se compara aos anos de 2018 e 2019.

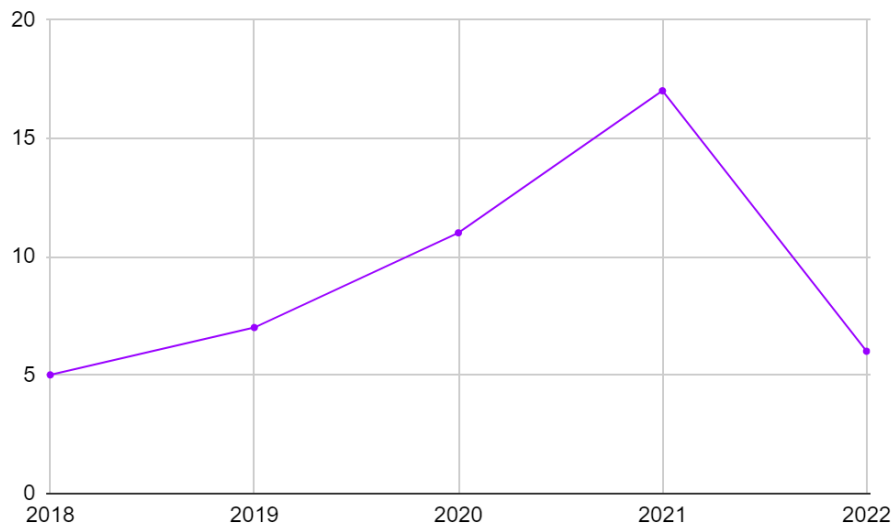


Figura 1. Quantidade de artigos publicados entre os anos de 2018 e 2022

Tal crescimento no total de publicações no período citado pode ser consequência dos números atingidos pela Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino, que ocorreu no ano de 2019, na França. De acordo com a FIFA (2019), mais de 1,12 bilhão de pessoas acompanharam a competição tanto pela internet, quanto pela televisão. Na América do Sul, esse crescimento foi de 560% se comparado à audiência da copa anterior que aconteceu no ano de 2015. Acompanhando essa tendência, a revista Movimento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, publicou em janeiro de 2021 o dossiê temático “Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências”. Essa chamada contribuiu para o aumento das publicações no ano de 2021, considerando que cinco dos 17 artigos selecionados daquele ano, são da revista.

Além dos pontos citados, nos anos de 2020 e 2021, vivemos os cenários mais graves de avanço da COVID-19 no Brasil e no mundo. No país do futebol, os principais

campeonatos femininos e masculinos foram paralisados. A pandemia passou, então, a integrar parte das pesquisas desenvolvidas naquele período e, conseqüentemente, as publicações como o artigo “Experiências vividas de jogadoras de futebol em tempos de COVID-19” (Kopanakis, Oliveira e Aiello-Vaisberg, 2021), que tinha por objetivo “investigar a experiência emocional de jovens jogadoras de futebol feminino de base, durante o afastamento social vinculado à eclosão da pandemia do COVID-19” (p.290).

A *figura 2* apresenta as áreas de concentração dos artigos selecionados, sendo a Educação Física a que possui a maior representatividade em números, correspondendo a 32,6%, seguida pela Psicologia com 13%, História e Antropologia com 10,9% respectivamente.

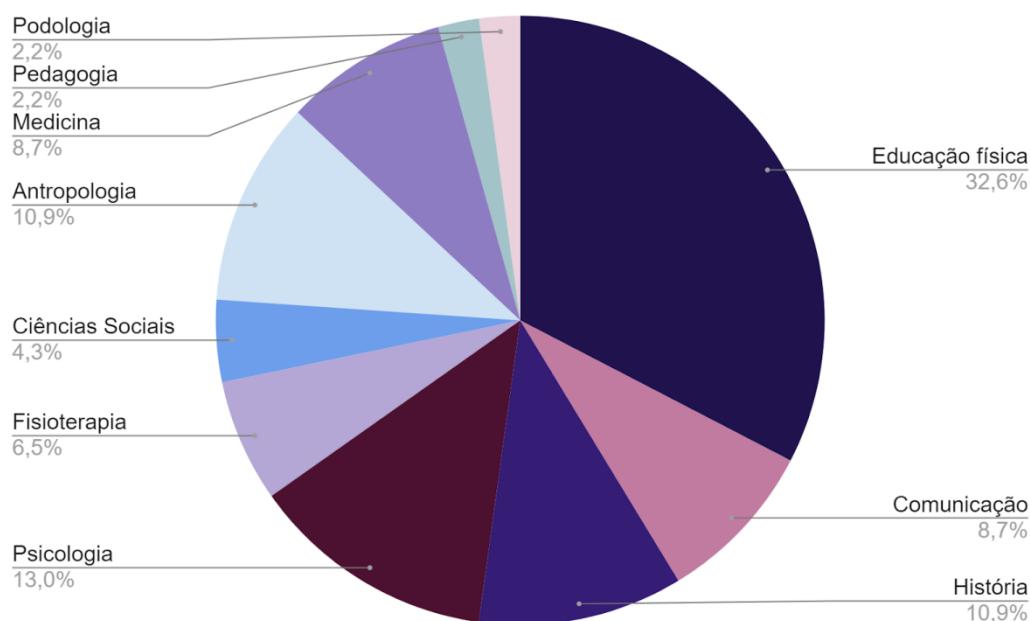


Figura 2. Distribuição de publicações de artigos por área

Dos 46 artigos selecionados, 18 são resultantes de pesquisas documentais, como: dados de revistas, jornais, mídias sociais, fotografias, entre outras materialidades. A exemplo desse tipo de publicação, temos o artigo escrito por Lima, Januário e Leal (2022) “*Dibrando*’

a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres” e também o artigo “*Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro*”, escrito por Almeida (2019).

O restante dos artigos é proveniente de trabalhos de campo que se utilizaram de metodologias como: entrevistas, aplicação de testes, observação, conversas informais etc. Entre tais artigos, temos o de Moraes, Coelho e Marta (2022) “*A importância da oralidade para os estudos sobre a mulher no futebol baiano*”.

Educação Física, com 15 artigos publicados sobre o tema, apresenta uma abordagem bastante diversificada do futebol jogado pelas mulheres com pesquisas quantitativas, qualitativas, testes de aptidão física, proposição de treinamentos, entrevistas e análises interseccionais do esporte. Seis artigos tomam como foco a avaliação dos aspectos físicos de desenvolvimento e potencialidade das atletas. Os outros nove apresentam também uma discussão social acerca da prática esportiva, incorporando e aplicando as teorias de gênero em suas análises, como o artigo “*Do corpo objeto ao corpo atlético: apontamentos sobre o futebol de mulheres*”, publicado por Silva e Mendes (2020), que teve por objetivo “*discutir aspectos socioculturais que contribuem com a construção do corpo no futebol de mulheres*” (p.40).

Na Psicologia, área de desenvolvimento desta pesquisa, foram encontrados seis artigos, correspondendo a 13% do total. Dentre as publicações, três artigos se concentram no campo da Psicologia Social, dois na Psicologia Analítica e um na Psicologia do Esporte.

Como exemplo de artigos publicados no campo da Psicologia Social, temos o “*Bichas, Macacos, Marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol*”, que discute fenômenos sociais de opressão e discriminação sofridos por grupos LGBTQIA+, mulheres e pessoas negras no futebol (Martins e Assunção, 2019). No campo da

Psicologia Analítica, os dois artigos publicados são da mesma autoria, sendo eles “*Impedimentos no país do futebol*” de Kopanakis, Silva e Aiello-Vaisberg (2021) e o já mencionado anteriormente “*Experiência vivida de jogadoras de futebol em tempos de COVID-19*” de Kopanakis, Oliveira e Aiello-Vaisberg (2021). O artigo publicado no campo da Psicologia do Esporte “*A Inserção da Mulher no Futebol*” escrito por Nascimento e Rocha (2021), teve por objetivo “*investigar os sentimentos suscitados nas mulheres quando da sua inserção e participação no futebol feminino*” (p.69).

É interessante destacar que, entre os artigos selecionados, 31 apresentam a discussão de gênero de forma bastante central. A maior parte dos artigos que não discute os problemas de gênero se concentra nas pesquisas de avaliação física e desempenho. Este significativo número de publicações que conceituam gênero ou trazem a questão como temática central evidenciam a importância de que as análises sejam feitas de forma a compreender as questões históricas e atuais que se relacionam com a inserção e permanência da mulher no universo futebolístico. Neste sentido, consideramos que a Psicologia Social do Trabalho pode trazer uma outra perspectiva que pode contribuir nas discussões que envolvem a atuação como jogadora de futebol no Brasil e no mundo.

Além das produções científicas de pesquisa, é importante destacar outras iniciativas que têm contribuído ou podem vir a contribuir no fomento, na divulgação e na ampliação da participação das mulheres no futebol. Em 2018, a FIFA criou um documento chamado “Estratégia Global para desenvolvimento do futebol feminino”, que orienta estratégias baseadas em cinco pilares, que visam fomentar o desenvolvimento e crescimento da participação feminina dentro e fora de campo, tornar as competições melhores; ampla divulgação; incentivar maior participação feminina em cargos de liderança. além da educação e do empoderamento das mulheres que jogam futebol (Rios, 2023).

Outra iniciativa importante foi o estabelecimento de novas regras de participação dos clubes no Campeonato Brasileiro, Libertadores e Copa Sul-Americana, estabelecidas pela CBF e pela CONMEBOL. De acordo com as instituições, todos os clubes participantes do Campeonato Brasileiro série A, participantes da Copa Libertadores da América e Copa Sul-Americana deverão apresentar uma equipe profissional e também de categorias de base feminina para a permanência nas disputas (CONMEBOL, 2019). A medida teve por objetivo ampliar a visibilidade e o investimento dos clubes na categoria e tem apresentado resultados significativos com a crescente participação das torcidas nos estádios, na mídia televisiva, redes sociais e investimentos realizados pelos clubes e instituições que organizam as competições.

Ainda se tratando de iniciativas legais que objetivam a ampla participação feminina no futebol, destacamos o Projeto de Lei 3699/2019, apensado ao Projeto de Lei 1484/2019, ainda em análise, que determina que, no âmbito federal, 5% da verba destinada aos clubes seja obrigatoriamente investida no futebol jogado pelas mulheres (Brasil, 2019). Destacamos também o Projeto de Lei 168/23 em análise na Câmara dos Deputados, enviado pela Deputada Federal Sâmia Bonfim (PSOL), que propõe o pagamento de meia entrada por mulheres que desejem assistir aos jogos nos estádios de futebol (Brasil, 2023).

Fora das proposições legais, consideramos importante destacar o trabalho que vem sendo realizado pela publicitária Angélica Souza e pelas jornalistas Renata Mendonça e Roberta Nina Cardoso, no Blog Dibradora que, desde 2015, produz conteúdos que impulsionam e promovem o protagonismo feminino no esporte. Outra iniciativa recente que ganhou destaque nas mídias é a agência Staff Images Woman, fundada em 2021 pela fotógrafa Livia Villas-Boas, que possui uma equipe formada apenas por mulheres, com o objetivo de contar as histórias das mulheres no futebol e alcançar o maior número de pessoas

possível, na proposta de que a agência tenha o futebol de mulheres como prioridade e não como algo secundário como costuma acontecer nas mídias tradicionais.

Capítulo 3

“Driblando as dificuldades”:

percurso metodológico



Jogadoras do Esporte Clube Radar, 1982

3.1. Fundamentação metodológica

Esta pesquisa possui caráter qualitativo e foi realizada a partir de uma combinação de procedimentos metodológicos que envolvem observação de campo com visitas a um clube de futebol, conversas informais e o uso de entrevistas reflexivas em profundidade, realizadas virtualmente com jogadoras. A opção pela abordagem qualitativa se justifica pelo entendimento de que o trabalho tem impacto na subjetividade da pessoa, portanto, relaciona-se com a história das relações sociais (Minayo, 2006).

Para Bosi (2013), a realização de um estudo exploratório, como o apresentado na seção anterior, é parte muito significativa do processo de pesquisa, porém, a autora destaca que, apenas esse conhecimento e a exploração pessoal não são suficientes para revelar a

forma como determinadas experiências impactam a vida das pessoas, sendo necessário avançar em outras proposições metodológicas.

De acordo com Minayo (1999), a entrevista é um dos métodos mais utilizados no trabalho de campo, sendo um dos recursos mais importantes no desenvolvimento de pesquisas qualitativas quando a pesquisadora adentra o campo de estudos. Ainda de acordo com a autora, a entrevista é uma conversa com propósitos definidos, portanto, a opção por essa metodologia não deve ser compreendida como uma relação neutra e sem pretensões, pois, a escolha do tema de pesquisa e das participantes pré-determina um envolvimento com as questões investigadas.

No percurso de desenvolvimento da pesquisa foram realizadas duas visitas a um grande clube de futebol da capital paulista, conversas informais com duas jogadoras de futebol e a assessora de um clube, entrevistas em profundidade com outras quatro jogadoras, contendo questões disparadoras abordando a história de vida e a história de trabalho, uma vez que a história de vida suscita memórias que se manifestam na narrativa da pessoa entrevistada com percepções únicas sobre os fatos. Para Portelli (2016), na entrevista, além dos eventos narrados, é possível entender o significado dessa vivência na vida de quem o narra, através de sua interpretação subjetiva de tais experiências.

Apesar de não existir um roteiro pré-definido, as entrevistas partiram de questões disparadoras com o objetivo de que as participantes falassem livremente sobre o tema da pesquisa. As questões disparadoras foram: “Conte-me a sua história de vida”; “Fale-me sobre a sua trajetória de inserção no futebol”; “Quais são/foram as principais dificuldades encontradas na sua prática profissional?”.

3.2. Percurso metodológico

A pandemia da COVID-19 impôs mudanças ao nosso cotidiano. Diante disso, o desenvolvimento desta pesquisa passou por diversas mudanças em relação à proposição metodológica inicial. A realização do trabalho de campo tinha como proposta central a utilização do método etnográfico, conforme proposto por Geertz (1989), um autor clássico da antropologia, que destaca a etnografia como um método potente na compreensão da influência da cultura na coletividade e no indivíduo. Dessa forma, esse método poderia contribuir para um maior aprofundamento no cotidiano de trabalho das jogadoras. Sato e Souza (2001) e Spink (2003) – entre outros autores que discorrem sobre o uso da etnografia na Psicologia Social – concebem o trabalho de campo como interpretativo, por compreender que as vivências das pessoas são dinâmicas e marcadas por contradições que permeiam as relações sociais.

A princípio, para o trabalho etnográfico, seriam escolhidos dois clubes de futebol profissional que tivessem time feminino e fossem considerados adequados para realização da pesquisa: um clube de grande estrutura da capital do Estado de São Paulo e outro do interior do estado, com estrutura inferior. Seriam previamente selecionados os clubes que tivessem uma rotina de treinamentos e jogos a serem acompanhados. Essa divisão prévia entre os clubes tinha como intenção o desenvolvimento de uma análise comparativa entre as estruturas e as vivências das jogadoras nesses diferentes lugares, destacando possíveis contradições, as relações pessoais e institucionais, as dificuldades, os fatores facilitadores, as similaridades e as diferenças encontradas no cotidiano de trabalho.

No início do ano de 2020, quando ainda não havíamos sido afetados com a pandemia, mediada pelo contato de um colega que trabalhava em uma editora e que já havia publicado matérias sobre as mulheres jogadoras de futebol, contatei pelas redes sociais a assessora de

imprensa de um grande clube da capital paulista. Ao apresentar a minha pesquisa, ela foi bastante receptiva ao projeto e conversou com os responsáveis do clube para verificar a possibilidade de que aquele fosse um dos clubes a ceder espaço para o desenvolvimento do estudo. Com a autorização, marcamos um encontro para que eu pudesse conhecer as jogadoras, a coordenação e as dependências do clube. Foram realizadas duas visitas com o acompanhamento da assessora que contou um pouco sobre a rotina de treinos, jogos, sobre os principais conflitos e dificuldades naquele momento, destacando que considerava a pesquisa bastante relevante e significativa para o avanço da modalidade.

Na primeira visita, observei o treinamento do time na parte da manhã, enquanto a assessora foi contextualizando a rotina das jogadoras e relatando também sua prática profissional. De acordo com ela, naquele momento, o time estava bastante desfalcado e isso estava gerando diversas reclamações por parte das jogadoras que diziam estar se sentindo cansadas pela cobrança extrema em manter os resultados, mesmo diante da ausência de oito jogadoras no time. Dos oito desfalques, seis haviam sido convocadas para a seleção brasileira (sub 20 e time principal) e duas estavam lesionadas, inclusive uma recém-contratada que, sequer, havia disputado algum jogo oficial. A assessora contou que, naquele momento, o cansaço era evidente e, mesmo quando não dito, era perceptível. Como exemplo, citou que as jogadoras estavam passando mais tempo no alojamento e que os momentos coletivos, como as viagens para jogar ou treinar em outros espaços, estavam sendo mais silenciosos, com menos troca e animação entre as profissionais, pois, de acordo com ela, esses costumam ser momentos de muita música e conversa.

Ao final do treinamento daquele dia, pude conhecer uma parte do time e o técnico da equipe. Todas pareceram receptivas à pesquisa. Apesar de não termos tido tempo para falar da proposta com clareza, percebi que a possibilidade de “ter” uma psicóloga dentro do clube, mesmo que a concepção do papel como pesquisadora ali dentro não tenha ficado clara,

causou certa animação entre as profissionais, que dispararam falas como “Ufa, realmente estamos precisando, o negócio tá brabo” ou “Eita, você vai ter bastante trabalho por aqui, se prepara. A gente já pode já marcar uma consulta?”.

Ao revisitar a transcrição das entrevistas, conversas e diário de campo, foi interessante notar que as questões estruturais apareceram na fala de todas as jogadoras entrevistadas e nas conversas informais com as outras duas. Porém, as relações afetivas e sexuais não foram mencionadas nas conversas informais, tendo sido citada por apenas uma das duas primeiras entrevistadas.

Considerando que, não raramente, os relacionamentos entre as jogadoras são expostos nas mídias sociais e parece ser algo muito presente no cotidiano delas, esse tema passou a também ser explorado nas entrevistas seguintes. Conforme sinalizado pela assessora e também identificado nas entrevistas subsequentes, tal fato apresenta forte relação com a rotina de trabalho levando em conta que são relações que se estabelecem a partir do compartilhamento de um ambiente e de experiências.

Na segunda visita, tive a possibilidade de conhecer a parte interna do clube e o então coordenador do time feminino. Foi uma visita muito emocionante, porque internamente mexeu com as minhas paixões, mas também gerou certo ‘estranhamento’ com algumas contradições percebidas. O clube conta com uma infraestrutura de excelência, com diversos espaços de lazer e, apesar de ser bastante amplo, não havia ficado claro quais espaços são utilizados pelas jogadoras. O único espaço de convivência coletiva para as jogadoras que foi apresentado, além dos quartos do alojamento, foi uma sala de televisão. Essa inquietação foi listada como um possível tema a ser mais explorado nas próximas visitas, entretanto, em decorrência da pandemia, não pude retomar esse ponto a partir das minhas observações, embora ele tenha aparecido na fala das jogadoras que foram entrevistadas posteriormente.

Uma semana após esse encontro, em razão da pandemia, os jogos foram paralisados sem perspectiva de retorno. Nesse período, foram enviadas mensagens para algumas jogadoras do time, com a ideia de manter o vínculo durante o período de isolamento social por conta da pandemia. Entretanto, houve mudanças também dentro do clube, com a demissão e contratação de profissionais que iam desde as jogadoras até uma troca de gestão, que optou por não dar continuidade à pesquisa naquele momento. Nesses contatos mais informais, via aplicativos de mensagens, conversei com duas jogadoras que compartilharam brevemente a experiência dos treinamentos na quarentena.

Com o agravamento da pandemia e também devido às mudanças na direção do clube, o desenvolvimento da pesquisa centrada na etnografia se tornou inviável. Então, concluímos que seria necessário reformular a proposta metodológica e optamos pela utilização de uma combinação de procedimentos metodológicos, incluindo o uso de entrevistas online com jogadoras de diferentes clubes.

A adaptação no trabalho de campo, apesar de ter sido frustrante num primeiro momento, também provocou a reflexão sobre as implicações do desenvolvimento da pesquisa mediada por instituições, considerando que, mesmo deixando clara a intenção da pesquisa e o compromisso de sigilo, as jogadoras poderiam sentir-se inseguras em expor as contradições, dificuldades e as críticas aos clubes, fator que certamente influenciaria no vínculo estabelecido. Isso ficou evidente durante a realização das entrevistas. Logo de início, as duas primeiras entrevistadas que, na ocasião, atuavam no clube que eu havia visitado, demonstraram intensa preocupação com o sigilo de suas identidades e dos conteúdos suscitados pela conversa.

Em razão da dificuldade em fazer encontros presenciais, a aproximação com as jogadoras se deu por meios virtuais, que incluem plataformas como o Instagram, WhatsApp e

Twitter e, principalmente, por indicações realizadas por outras jogadoras e profissionais diversas do futebol. É comum que as jogadoras tenham proximidade com outras mulheres que atuam em diferentes clubes, isso porque, a rotatividade é algo bastante presente na experiência de trabalho delas. Ou seja, os contatos foram realizados de maneira informal, por meio de uma rede existente entre as próprias jogadoras. Segundo Hammersley e Atkinson (2001), a existência de uma rede é muito importante na mediação com as pessoas que serão entrevistadas. No caso das jogadoras, a rede pôde facilitar o estabelecimento de vínculo com as profissionais e proporcionar que se estabelecesse uma relação de confiança, considerando que a indicação era feita por colegas que atuam na mesma profissão.

A partir da opção pela utilização de entrevistas, abrimos a possibilidade de entrevistar jogadoras de diferentes clubes. A princípio avaliamos que também seria interessante aquelas que atuassem em diferentes posições no time: goleiras, zagueiras, laterais, meio-campistas e atacantes. Apesar de não termos por objetivo investigar as especificidades de cada posição, consideramos que essa distribuição poderia explicitar diferentes sentidos na profissão. Entretanto, no decorrer da pesquisa, esta informação não pareceu relevante nos aspectos destacados pelas jogadoras.

A principal dificuldade enfrentada foi conseguir marcar as entrevistas com as jogadoras. Apesar das indicações, raramente conseguia uma aproximação efetiva. Mesmo com o uso da rede entre elas para conseguir esses contatos e proporcionar maior segurança, foi necessário repensar e redesenhar diversas vezes os caminhos de aproximação. A estratégia do uso das mídias sociais torna a proximidade mais impessoal e, não raramente, minhas mensagens ficavam perdidas na caixa de mensagem das jogadoras no Instagram - minha principal forma de aproximação.

Em certa ocasião, enviei uma mensagem para o superintendente de marketing de um clube grande da capital paulista, via LinkedIn, e para o assessor de um clube do interior do estado, via WhatsApp, com o objetivo de que eles pudessem fazer a indicação de algumas jogadoras para participarem da pesquisa. Apesar de considerar que a aproximação com as jogadoras realizada sem o intermédio institucional pudesse oferecer maior segurança para elas, conforme dito anteriormente, foi difícil contatá-las, especialmente as jogadoras que possuem um grande número de seguidores, pois, estas, possivelmente recebem uma maior quantidade de mensagens diariamente.

A conversa com o assessor do clube do interior do estado foi motivada pela indicação de uma jogadora profissional do time, que se apresentou bastante disposta a contribuir com a pesquisa, mas que precisava da aprovação prévia da assessoria. Fiz contato e não obtive nenhuma resposta, o que inviabilizou a entrevista com a jogadora. A comunicação com o superintendente de marketing também não foi promissora, percebi certa resistência para facilitar a aproximação com as jogadoras, sendo que ele se limitou a sugerir o envio de algumas perguntas para a comissão técnica responder. Não ficou claro se isso ocorreu por não ter entendido a proposta da pesquisa ou por algum outro motivo. Expliquei novamente a proposta de forma clara e objetiva, enfatizando que a pesquisa tinha como foco a experiência pessoal do vivido pelas profissionais e, depois disso, não obtive nenhum retorno.

Foram realizadas quatro entrevistas. Duas das jogadoras entrevistadas, Fernanda e Meg, no momento em que conversamos, representavam o clube que visitei no início de 2020. O contato realizado com a jogadora Fernanda foi feito a partir de uma indicação da, então, assessora do clube. A jogadora Meg foi indicada por Fernanda. Ambas referiram lembrar da minha visita em 2020 e que consideram a pesquisa muito relevante para a atuação profissional delas e das outras jogadoras. Assim, após se certificarem novamente do sigilo da

entrevista, mostraram estar abertas e confortáveis em falar. As outras duas entrevistadas, Maria Helena e Elza, foram contatadas via Instagram, a partir de visitas a alguns perfis que falam sobre futebol de mulheres. Também foram realizadas conversas informais com duas jogadoras, Cláudia e Fia, via Whatsapp, por meio de indicação feita pela assessora. Nessas conversas, as jogadoras puderam compartilhar brevemente relatos sobre a experiência de trabalho e como estavam sendo afetadas pela pandemia.

3.3. Conhecendo as participantes

A fim de facilitar a compreensão das discussões que serão realizadas, será apresentado um quadro com os nomes, a cor e o percurso profissional realizado pelas jogadoras. É importante dizer que esses são nomes fictícios criados para manter o anonimato e o sigilo das informações apresentadas, além de garantir a segurança das participantes da pesquisa. Os nomes das participantes foram escolhidos tendo como referência a primeira equipe feminina do Esporte Clube Radar (ECR)³, fundado em 1932, sendo um dos pioneiros times brasileiros na prática esportiva entre as mulheres em 1979, após o fim do Decreto-Lei de abril de 1941, que proibia esta e outras práticas esportivas entre elas. Com uma faixa etária de 22 a 35 anos, cinco das seis participantes são profissionalmente ativas no futebol:

Quadro 1

Nome	Cor⁴	Percurso
Meg	Parda	Goleira. Iniciou a carreira em um clube pequeno no interior de um estado no Sudeste, passou por diversos clubes, nacionais e internacionais, jogou em times da Europa e da Ásia.

³ Apesar de sua importância histórica, atualmente o clube funciona apenas como academia de musculação e como escola de lutas.

⁴ Embora a pesquisa tenha como foco a relação entre futebol e gênero, consideramos importante destacar a cor das atletas a partir da compreensão de que as questões raciais estão intimamente relacionadas à experiência com a prática esportiva no Brasil.

Fernanda	Preta	Lateral. Iniciou a carreira em um clube pequeno no interior de um estado da região Sudeste, com passagem por diversos clubes nacionais e um clube internacional na Europa.
Cláudia	Preta	Zagueira. Iniciou a carreira em um clube no interior de um estado no Nordeste, tem passagem por diversos clubes nacionais.
Fia	Parda	Atacante. Iniciou a carreira em um time no interior de um estado na região Sudeste, passou por diversos clubes nacionais.
Maria Helena	Branca	Meio campista. Iniciou a carreira em um time no interior de um estado no Sudeste, passou por dois times nacionais e por um time universitário na América do Norte.
Elza	Parda	Meio campista. Atuou em diversos clubes na região Sudeste do Brasil e também na América do Norte.

É importante destacar que, com a finalidade de evitar a identificação das entrevistadas, algumas informações sobre elas, como a idade e o clube em que atuavam na ocasião da entrevista ou que já atuaram, foram suprimidas, embora pudessem ser relevantes na análise da pesquisa.

3.4. Perspectiva de análise

Para Spink (2003), na Psicologia Social, o campo não deve ser encarado como um lugar, mas como um método, um “argumento no qual estamos inseridos; argumento este que tem múltiplas faces e materialidades, que acontecem em muitos lugares diferentes” (p. 36). O autor concebe o trabalho de campo como interpretativo, por compreender que as vivências das pessoas são dinâmicas e marcadas por contradições que permeiam as relações sociais.

Durante a realização da pesquisa, foram elaborados diários de campo que posteriormente, juntamente com as conversas e entrevistas transcritas, foram submetidos a uma análise buscando a compreensão dos sentidos atribuídos pelas jogadoras na relação com o meio. O processo de interpretação ocorre na produção de sentidos que podem ser

compreendidos nas interações e diálogos estabelecidos entre o campo e o pesquisador (Spink, 2003).

Oliveira (1996) também faz considerações importantes acerca do trabalho de análise ao destacar três etapas centrais na apreensão de fenômenos sociais: o olhar, o ouvir e o escrever. O olhar e o ouvir, que não podem ser compreendidos separadamente, aparecem como fenômenos cognitivos preliminares no trabalho de campo. Entretanto, de acordo com o autor, a partir do momento em que escolhemos um tema, o nosso olhar e ouvir sobre ele já está domesticado teoricamente. Já a escrita exercita nosso pensamento, uma vez que as atividades de pensar e escrever ocorrem de forma simultânea, e é nesse processo que a nossa interpretação ganha formas que possibilitam o surgimento de novas teorias.

Capítulo 4

“O seu trabalho é o pé”:

o futebol das mulheres entre confrontos e conquistas



Imagem: Guang Niu/Getty Images

Ainda que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres desde a entrada até a sua permanência e profissionalização no futebol sejam muitas, atualmente, é notável o crescimento da participação feminina no esporte, de modo que a modalidade vem ganhando mais espaço e visibilidade nos últimos anos. Apesar do crescimento, no Brasil, as dificuldades de acesso e as situações vivenciadas pelas jogadoras profissionais dentro de grandes clubes evidenciam o quanto as mulheres ainda enfrentam problemas que passam por preconceitos de gênero, ausência de estrutura, sofrimento mental, desgaste físico etc, temas que serão abordados neste capítulo.

Mesmo que muitos homens e meninos possam vivenciar situações semelhantes no futebol, é importante destacar que todas as jogadoras entrevistadas, incluindo aquelas com certo destaque no esporte, narraram muitas dificuldades vividas dentro dos maiores clubes brasileiros de futebol. Essa constatação nos permite supor que as dificuldades enfrentadas por elas dentro desses clubes decorrem das diferenças de gênero e não por uma ausência de possibilidades e de estruturas.

A análise do conjunto de informações obtidas nas entrevistas, visitas, conversas informais, observações e anotações no diário de campo será apresentada em três seções: a primeira aborda a inserção, os interesses e aproximações iniciais das jogadoras com o futebol, passando pelos preconceitos que permeiam a experiência feminina neste esporte. Na seção seguinte, saindo do campo das ideias, dos sonhos e dos “pré-conceitos”, abordamos as experiências vividas no exercício profissional como jogadora de futebol. Cabe destacar que esta seção não toma como foco a atividade em si, mas a forma como estas mulheres percebem suas experiências. Por fim, apontamos os possíveis impactos e consequências na vida e na saúde mental das jogadoras, destacando também algumas das estratégias de defesa e resistência que foram identificadas no percurso da pesquisa.

4.1 Paixão, identificação e preconceito: o que há por trás da vontade de jogar futebol

4.1.1 *“Você não vai jogar com a gente, porque você é menina”*: o interesse pelo futebol

Diferente da experiência da maior parte dos homens e meninos que jogam futebol, a entrada e permanência das mulheres no universo futebolístico passa por uma série de dificuldades que vão além das barreiras estruturais de acesso. Embora muitas dessas dificuldades afetem também a modalidade masculina e estejam presente no dia a dia dos jogadores, a experiência feminina tem muitas particularidades que se relacionam diretamente com o gênero e os papéis sociais designados às mulheres, que teve como consequência um

longo período de proibição da prática da modalidade esportiva entre as mulheres no Brasil e em outros países do mundo (Vieira, 2022)

Um dos assuntos que permeia a construção da pesquisa e que ganhou destaque nas conversas e entrevistas com as jogadoras é a aproximação inicial com o futebol e a vontade de jogar. É bastante comum que os meninos que se interessam pelo futebol tenham como influência grandes jogadores que marcaram a sua geração ou gerações anteriores, uma vez que ele é midiático e glamourizado, mostrando inclusive uma realidade que representa uma parcela muito pequena dos jogadores (Anjos, Saneto e Oliveira, 2012). Apesar de, hoje, termos figuras femininas que são bastante representativas no futebol brasileiro, como Marta, Formiga e Cristiane, a maior parte das participantes desta pesquisa, quando se inseriram no futebol, não podiam sequer contar com alguma figura de referência nesse esporte.

Um aspecto que parece diferenciar a entrada das mulheres no futebol da entrada dos homens é a constatação de que ao começarem a jogar futebol, nenhuma das jogadoras tinha o vislumbre de enriquecer com a atividade ou sequer de garantir sua sobrevivência com ela. Elza, Meg e Fernanda destacam que a aproximação com o futebol se deu, antes de tudo, pelo amor por jogar, pela vontade de se aproximar do esporte e poder estar em quadra ou em campo, independente das condições:

Sempre foi difícil, mas eu enxergava como um sonho, como minha paixão, meu desejo e acho que olhando para as meninas ali, todo mundo acho que tinha essa consciência também (Elza).

Por amor ao esporte mesmo, não é nem por salário nem nada, não daria pra ser (Meg).

Eu escolhi jogar primeiramente porque eu amo jogar futebol, porque a gente passa por muitas dificuldades. Lá atrás, eu acho que quase todas as meninas que jogam futebol já jogaram sem receber, já foram treinar sem comer, já foram jogar sem comer, sem dormir direito. Porque não tinha uma comida decente ou um hotel decente. Às vezes, a gente viajava de madrugada pra jogar no mesmo dia de manhã, entendeu? (Fernanda).

Para Federici (2021), o “amor” é um sentimento extremamente eficaz para o sustento do sistema capitalista. De acordo com a autora, no desempenho do trabalho reprodutivo, a concepção de que o amor é um sentimento que está acima de qualquer valor, emprega o afeto na qualidade de pagamento. A partir dessas considerações, é necessário ponderar que vivências pautadas nos afetos amorosos fazem parte da constituição da identidade das mulheres nesta ordem social da atualidade a qual estas jogadoras estão inseridas. Portanto, ainda que estas mulheres ocupem um lugar que se distancia veemente das atividades desempenhadas no lar e do que é esperado apoiado nos estereótipos de feminilidade, a concepção de que o amor e a paixão estão acima de qualquer valor, inclusive acima das próprias necessidades, parece acompanhá-las.

Recorremos à Collins e Bilge (2021) para refletir outros aspectos que podem se relacionar com a sujeição destas mulheres às duras realidades encontradas no percurso de inserção e profissionalização no futebol. Esta relação com o futebol parece causar menos estranhamento por se tratarem, em sua maioria, de corpos negros e pobres. Para as autoras, a violência de gênero em um país com raízes escravistas vem acompanhada de outras violências como as de raça e de classe. Neste sentido, enfatizamos que cinco das seis mulheres que participaram da pesquisa são pretas ou pardas, sendo que, destas cinco, quatro vieram de uma realidade social bastante marcada pela desigualdade.

Além da paixão pelo esporte, outro ponto de encontro entre essas experiências das jogadoras é o ambiente escolar, que aparece como parte fundamental na descoberta da habilidade esportiva. Malvar (2020) sinaliza a importância de um olhar sensível e de uma prática contextualizada dos educadores na compreensão das violências simbólicas contidas nos jogos de futebol durante as aulas de educação física, como a falta de respeito, colaboração e exclusão exercida pelos meninos durante o processo de aprendizagem das

meninas que, raramente, são estimuladas a participarem dos esportes de alto rendimento fora do ambiente escolar.

Apesar de, em muitos momentos, conforme sinalizado por Malvar (2020), o ambiente escolar refletir e reproduzir as violências impostas às mulheres e causar um distanciamento das atividades físicas também nesse espaço, é evidente na fala das participantes que as escolas, principalmente os professores e professoras de educação física, desempenharam um papel importante na escolha por jogar futebol:

Um professor meu no colégio me viu brincando com a bola e falou: 'Você não quer vir jogar com a gente? A gente tem o time da escola'. Eu tinha acabado de mudar de escola, tava na segunda série e na segunda série eu já jogava com as meninas da oitava e me destacava bastante no futsal. Sempre joguei campeonatos interescolares, sempre me destaquei e, em todos os meus dez anos de colégio, eu joguei futsal (Elza).

Eu participava do time de handball que ia jogar os escolares. Jogava na linha, então assim, eu não tinha medo, eu me atirava pra fazer gol, me jogava. Aí o professor de educação física um dia me falou assim: 'Tem como você ir no jogo amanhã? Vai faltar umas meninas, acho que vou precisar de alguém pra completar o time'. Era um time de futsal. Eu disse que ia, pra não dar W.O, né? Eu fui e acabou que sobrou pra ir pro gol, porque tinha as meninas de linha tudo certinha e faltava goleira, alguém tinha que ir. Falei pra deixar que eu ia, era fominha, queria jogar e, nesse jogo, eu fui muito bem, não tinha medo de me jogar, era muito atrevida e acabou que o professor falou 'agora você vai ser minha goleira titular' (Meg).

Essas experiências mostram a importância da percepção dos educadores com as diferentes habilidades e inteligências dos alunos e alunas, de forma que a escola não seja mais um espaço de reprodução de violências e exclusão, considerando que o esporte é extremamente significativo no desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. No caso das meninas, é ainda mais restrita a possibilidade de encontrar espaços para o desenvolvimento das habilidades esportivas dentro e fora do ambiente escolar, principalmente quando o interesse é por esportes que são praticados majoritariamente por meninos, como é o caso do futebol.

No Brasil, ainda é muito incipiente as escolas de futebol para meninas, dado que acompanha uma tendência geral do país em relação ao futebol. Apesar de não ser possível encontrar dados oficiais pela informalidade da maior parte desses espaços, podemos afirmar que não é comum encontrarmos escolas de futebol para meninas ou que não seja exclusivamente voltada ao público masculino.

Apesar da possibilidade de identificar muitas similaridades na trajetória de inserção dessas mulheres no futebol, como a paixão pelo futebol e os primeiros contatos dentro do ambiente escolar, existem também as particularidades que contribuem para que essas vivências sejam facilitadas ou dificultadas. Desse modo, a família aparece também como parte importante na construção das carreiras.

Conforme Berger e Luckmann (2001), as relações familiares são centrais em nossa forma primeira de significar o mundo, constituindo parte importante da nossa subjetividade e da nossa identidade por meio de crenças e ideias que se encontram enraizadas naquele núcleo, também marcado por concepções que estão colocadas no meio social. Esses vínculos podem atuar de diferentes formas na vida das pessoas, podem operar como fatores facilitadores ou como verdadeiras barreiras quando se transgride as idealizações construídas pelas famílias e pela sociedade. Para Ciampa (1997), essas idealizações são identidades pressupostas. De acordo com o autor, essas expectativas antecedem o nosso nascimento e nos inserem em grupos que carregam os valores e a moral da família e da sociedade que nos recebe em determinado momento.

Embora as experiências de Fernanda, Elza e Meg sejam diferentes com relação à aceitação da própria família nos primeiros sinais de interesse e inserção no futebol, é notório, na fala de todas, a centralidade do apoio ou da falta dele, nos anos iniciais de suas carreiras:

Sempre tive o apoio da minha família graças a Deus. Até hoje, faz toda diferença, com certeza. Se minha família me apoia, por que eu vou ligar para as outras pessoas? (Fernanda)

Eu comecei a jogar bola por influência do meu pai e do meu irmão [...]. Lembro que meu pai falava 'se fizer 100 embaixadinhas, eu te dou um real'. Nessa brincadeira, eu comecei a jogar [...] (Elza).

Meu avô era aquele rigoroso, preconceituoso, falava que futebol era coisa pra homem, mas eu gostava muito de esporte [...]. Quando comecei a jogar, eu ia escondida, teve até uma vez que eu fugi de casa, disse que só voltaria se eles não me proibissem de jogar, se proibissem, eu fugiria de novo (Meg).

No caso das mulheres que se inserem no mundo do futebol, é frequente que se esbarre em dificuldades, mesmo quando os ambientes familiares são acolhedores, como no caso de Fernanda. Fora do núcleo familiar, o que se encontra são espaços e pessoas que confrontam o lugar que é escolhido para ocupar. Esses questionamentos ficam pautados em preconceitos que atuam como barreiras no acesso à atividade. Goellner (2005b) destaca que, apoiado em uma visão binarista de gênero, ora o padrão da feminilidade atua como um impedimento para jogar futebol, ora a não correspondência desse padrão torna masculinizado o corpo feminino, de modo que, na experiência das mulheres que jogam futebol, parece não haver outra forma de existência para além desses dois estereótipos: a mulher macho ou a mulher bela. A partir disso, surgem questionamentos relativos ao gênero e à sexualidade das jogadoras:

É típico do futebol feminino, em todos os lugares vai ter, agora melhorou bastante, mas, na escola, sempre tinha uns moleques chatos que falavam 'você não vai jogar com a gente porque você é menina' ou chamavam a gente de 'menina macho', essas coisas assim. Na rua, às vezes, os próprios vizinhos também (Fernanda).

Meu pai esses dias estava contando pra alguém que uma vez ele foi me assistir e foi um jogo que eu fiz vários gols e dei um chapéu na goleira. Na hora que ele saiu pra fumar, estava o pai da goleira que tinha jogado contra mim e ela tava chorando. Ai, ele disse que o pai dela falou assim pra ela 'não filha, não chora não, aquela menina lá é homem'. Meu pai virou e falou assim 'não, ela não é homem, ela é minha filha, ela é mulher!' Então, tem essas coisas.

Diversas situações de torcida ficar gritando 'maria homem', de amigas minhas falarem isso (Gabi).

Saffioti (2013) destaca que a subordinação feminina é parte essencial no funcionamento da engrenagem que impulsiona a dominação de classes. Portanto, quando uma mulher rompe com as estruturas patriarcais, ela rompe também as engrenagens que se utilizam e se sustentam por meio dessas estruturas. Ou seja, a presença das mulheres no futebol não causa apenas estranhamento, causa também repulsa, que tem como pano de fundo a defesa de um lugar de poder acompanhada do medo de um “desalinhamento”, que estremeça o funcionamento dessa máquina.

Conforme apontado por Bourdieu (2021), é a presença masculina que determina a qualificação e o status social das tarefas, não o nível de dificuldade ou qualidade técnica. Garantir que homens e mulheres profissionais de futebol fossem igualmente remunerados e pudessem usufruir das mesmas estruturas dentro de uma sociedade patriarcal poderia implicar uma desvalorização do futebol dentro de determinadas culturas. Exemplificando, temos a experiência da seleção norte-americana de futebol, citada anteriormente. Neste sentido, a experiência do Brasil e dos EUA em relação à participação feminina no futebol é bastante distinta, pois, enquanto no Brasil o futebol é tido como a grande paixão nacional, no país norte-americano, os esportes de maior prestígio são o basquete e o futebol americano - estes sim, tidos como esportes masculinos por lá.

No processo de difusão do futebol de mulheres no Brasil e ampliação da participação das mulheres no universo futebolístico, as redes sociais têm aparecido como aliadas. Ainda que as grandes mídias televisivas reservem um tempo limitado à modalidade, na internet, o público tem apresentado crescimento. Não é difícil encontrar contas de Instagram e de Twitter que são totalmente dedicadas à modalidade, seja por perfis oficiais de atletas e clubes ou por pessoas que admiram o esporte. O perfil do time feminino do Corinthians no

Instagram, por exemplo, conta com mais de um milhão de pessoas seguindo e, em setembro de 2022, na final do Campeonato Brasileiro Feminino, o clube registrou um público recorde no Brasil e na América Latina, com a presença de 41.070 torcedoras e torcedores em seu estádio. Para a jogadora Meg, a internet é uma via interessante de mostrar que as mulheres estão cada vez mais ocupando esses espaços:

Essas coisas de Internet estão ajudando muito em termos de visibilidade, aceitação das pessoas, inclusive de gostar, de acompanhar. Antes não tinha isso. Ninguém nem sabia que existia, porque o que era mostrado na TV era só o futebol masculino. Então, as redes sociais ajudaram nesse sentido. Antes, quando se ouvia falar, parecia que era uma coisa de outro mundo. Hoje, não, a galera acompanha (Meg).

Os espaços virtuais têm contribuído para a ampliação da visibilidade do futebol jogado pelas mulheres, possibilitando maior representatividade feminina para outras meninas que sonham em ingressar na profissão ou praticar o esporte como lazer e não se veem refletidas nos espaços físicos e midiáticos tradicionais do cotidiano. Hoje, basta fazer uma rápida busca no Google ou nas redes sociais para se deparar com uma vasta quantidade de materiais e vídeos que tem por objetivo divulgar o futebol de mulheres.

Apesar disso, a mídia televisiva, as maiores revistas e os jornais continuam dando destaque muito maior ao futebol masculino, assim como as instituições que regulamentam os campeonatos e os clubes seguem oferecendo maior investimento a ele.

É interessante perceber que a ausência de uma figura feminina de referência no futebol pode implicar um distanciamento do esporte - fato que deve representar a história de muitas meninas que se interessam ou se interessaram por futebol - ou a necessidade de criar uma identificação com figuras masculinas, seja do mundo do esporte ou no núcleo familiar. A percepção de terceiros sobre suas habilidades e a construção de uma trajetória mais

independente - sem grandes expectativas - também são fatores que marcam a aproximação das participantes com o esporte.

4.1.2 “*Mas será que pra ser jogadora tem que ser lésbica?*”: questões de gênero e sexualidade no futebol de mulheres

O tema da sexualidade, apesar de não ter sido explorado nas conversas e entrevistas com a maior parte das jogadoras, ganhou espaço no desenvolvimento da pesquisa. Isso porque, logo nos contatos iniciais com a assessora no clube em que foram realizadas duas visitas, ela relatou que estava encontrando mais dificuldade em sua atuação com as 30 jogadoras do time principal, do que em sua atuação com os 280 meninos que jogam nas categorias de base do mesmo clube. Para além das dificuldades estruturais enfrentadas, a assessora chamou a atenção para os relacionamentos homoafetivos entre as jogadoras e a forma como isso repercute nas relações dentro e fora de campo.

De acordo com ela, a maior parte das jogadoras daquele clube eram lésbicas ou bissexuais, fato que contribui para que se desenvolvam relações amorosas e sexuais entre essas mulheres. Então, uma parte do seu trabalho ficava concentrada em mediar alguns conflitos que surgiam entre elas, como uma forma de manter um ambiente de boa convivência diária fora do campo e, também, não prejudicar o rendimento dentro do campo, dado que, no caso dessas jogadoras, não existe uma separação entre trabalho e casa. A assessora conta que se tornou uma referência dentro do time para tratar dessas questões, o que indica que, embora ela seja uma figura de confiança para essas jogadoras, existe a necessidade de uma profissional especializada que cuide das emoções do grupo e que possa acolher e conduzir essas situações.

Cabe destacar que a baixa remuneração oferecida pelos clubes impossibilita que as mulheres jogadoras possam residir em outros espaços além do alojamento que é oferecido,

desta forma, a convivência entre as profissionais se configura de forma imersiva, realidade que possibilita maior proximidade entre elas, mas que também pode implicar na intensificação dos conflitos. Algumas jogadoras possuem outras possibilidades de moradia e não dependem estritamente do que é oferecido pelo clube. Na época em que as visitas foram realizadas, por exemplo, duas jogadoras daquele clube moravam com as famílias que residiam na mesma cidade, entretanto, as jogadoras que participaram da pesquisa tiveram a experiência de viver em alojamentos quase que na totalidade de suas carreiras.

As questões que envolvem a sexualidade também têm sido identificadas em observações por meio das mídias sociais. Muitas jogadoras expõem suas relações afetivas com outras parceiras, sejam elas do mesmo time, jogadoras de futebol ou não. Embora não tenhamos encontrado dados que quantifiquem essa observação, é notável que a maior parte das que acompanhamos, fogem ao padrão da heteronormatividade. Como exemplo, temos as jogadoras brasileiras de maior destaque da história e da atualidade como Marta, Cristiane, Debinha, Bárbara, Formiga, entre outras, que se relacionam abertamente com mulheres. A conversa com a jogadora Maria Helena, que é bissexual, traz reflexões importantes acerca do assunto:

É uma coisa que tem que ser falada, porque é natural para quem está no futebol feminino. Aqui no Brasil, nos times que eu joguei, acho que 90% ou 95% das jogadoras são lésbicas ou bissexuais. Lá nos EUA, acho que, no meu time, tinha umas três ou quatro atletas. No Brasil, às vezes, a menina vai pro futebol porque sabe que nesse nicho é mais aceitável. Então, fica a questão ‘Você tá no futebol porque você gosta de futebol ou você está no futebol porque você sabe que ali é mais fácil de se encontrar?’ [...]. Por um ponto, é bom, porque mostra que o preconceito está diminuindo e que tem um espaço para as meninas serem o que elas quiserem ser, mas pra área profissional não é bom, acaba bagunçando um pouco, é ruim pro futebol, vira ‘várzea’ (Maria Helena).

No caso do futebol de mulheres, para quem o vivencia, este não parece ser um espaço de violência e opressão contra as pessoas lésbicas e bissexuais, mas a redução das mulheres

que jogam futebol à mulher lésbica e bissexual é uma forma de preconceito. Chama a atenção a colocação feita pela jogadora Maria Helena, que questiona “*Você tá no futebol porque você gosta de futebol ou você está no futebol porque você sabe que ali é mais fácil de se encontrar?*”, pois existe uma contradição entre o pertencer a uma espaço que é socialmente colocado à margem, mas também, em alguma medida, se configurar como um refúgio, um ambiente no qual essas mulheres podem assumir suas identidades e seus afetos.

Uma das possibilidades para certa predominância de mulheres lésbicas e bissexuais no futebol é a já citada ausência de representações femininas no esporte que pode distanciar as meninas que atendem ao padrão normativo da feminilidade e heteronormatividade, facilitando a aproximação daquelas que consciente ou inconscientemente já transgridem as normatividades na forma como expressam gênero e vivenciam a sexualidade, encontrando no futebol um verdadeiro espaço de refúgio que possibilita identificações com o grupo.

Para Pisani (2018), o futebol possibilita que as mulheres tenham contato com a própria sexualidade para além da heterossexualidade, transformando-se em um ambiente propício de trocas afetivas que proporcionam a segurança que não é encontrada em outros lugares. Não se pode desconsiderar os casos em que, por estarem em um ambiente que possibilita uma relação outra com a própria sexualidade, a percepção da homossexualidade ou bissexualidade possa ter ocorrido após a inserção no futebol. Porém, tal fato, não deve ser encarado como mera coincidência e/ou consciência despertada pelo futebol. Pode-se pensar a entrada no futebol como uma procura de pares identificatórios, quando, provavelmente, se percebem à margem em outros espaços.

Lins (1997/2022) destaca que quando se trata de trabalho, alguns ambientes podem ser facilitadores para grupos minoritários, mesmo quando a ocupação desses espaços reforçam alguns estereótipos lançados sobre tais grupos. Cita como exemplo outras categorias

de trabalho, como o mundo das artes, que tende a acolher melhor a diversidade de pessoas e ideias. Certamente, o distanciamento de situações de violências disfarçadas de brincadeiras é um ponto determinante na escolha da carreira. Mesmo que a violência não cesse nos ambientes externos e que a formação desses guetos em determinadas profissões reforcem ideias lgbtfóbicas, patriarcais etc; essas pessoas tem a segurança de que, pelo menos ali dentro, sua existência será mais respeitada, acolhida e identificada.

No futebol masculino, por exemplo, são raros os casos dos jogadores que, assumidamente, contrariam a heteronormatividade e assumem relacionar-se com outros homens. A partir das nossas observações sobre o futebol e da narrativa das mulheres jogadoras é possível pensar que a masculinidade é o comportamento de referência no esporte no Brasil. A homoafetividade masculina é, inclusive, motivo de piadas extremamente homofóbicas entre torcedores, como a torcida do Corinthians que, por anos, entoou nas arquibancadas o canto “Vai pra cima delas, Timão, da bixarada”, nas disputas contra o time masculino do São Paulo.

Tais reflexões são importantes não para que se questione a sexualidade das jogadoras ou faça com que esse seja mais um espaço que rejeita as não normatividades, mas, essa discussão se faz necessária no sentido em que se compreende como historicamente o futebol no Brasil é entendido como um espaço de homens que performam a masculinidade, ao mesmo tempo em que é dificultado às mulheres (que performam ou não a feminilidade) sob justificativas pautadas em mitos e argumentos morais (Moreira, Prado e Cavaleiro, 2019).

As experiências relatadas pelas jogadoras Maria Helena e Elza sobre suas vivências nos EUA, contribuem para a compreensão de como essas narrativas se relacionam diretamente com o momento histórico e cultural de cada lugar:

Nos EUA, os esportes de maior destaque são o futebol americano e o basquete, são nesses esportes que os meninos são influenciados a estar. O futebol é mais um esporte feminino, então, as meninas são incentivadas desde muito novas a jogar. Eu nunca joguei num time de meninas quando era criança, sempre com meninos, não tinha no Brasil, e ainda é bem raro de encontrar, não tem categoria de base para crianças. Mas, nos EUA, eu treinava um time de meninas que tinham quatro anos (Maria Helena).

Teve um dia (nos EUA) que eu estava indo pro treino com um amigo que jogava futebol masculino e aí a gente passou por um menino e o menino falou assim 'pô, que dia que cê vai começar a jogar um esporte de homem?'. Aí bugou minha mente, porque eu falei: como assim? Eu ia nas escolinhas lá, nos clubes, e as meninas todas tinham material de futebol. Desde os três anos de idade, a menina já tem uma mochilinha, já tem uma bolinha rosa, ela já tem uma chuteirinha, desde pequena, porque isso já é mais natural, a mulher jogar futebol ali não significa ser masculinizada (Elza).

É importante que se destaque a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Entretanto, essas são identidades que se entrelaçam, principalmente se considerarmos a história do futebol brasileiro, que se constituiu como um esporte masculino e que, portanto, as mulheres que jogam futebol carregam determinados estereótipos.

A jogadora Elza evidencia o quão interessante foi perceber essa diferença entre as culturas no Brasil e nos EUA “*Eu achei muito interessante nos EUA perceber que isso é de fato uma coisa construída, porque mesmo pra mim, que sempre joguei futebol, eu mesma olhava e falava 'pô, mas será que pra ser jogadora tem que ser lésbica?' Eu me questionava do porquê as meninas são*”.

Goellner (2005b) salienta que as mulheres jogadoras de futebol questionam a hegemonia masculina dentro do esporte “*historicamente construída e culturalmente assimilada*” (p.149). Os EUA, evidentemente, não é um grande exemplo de sociedade organizada de forma igualitária, mas se configura como um país que valoriza as práticas esportivas de forma geral. Entretanto, mesmo que a seleção feminina tenha grande prestígio e

reconhecimento, essas mulheres ainda enfrentam muitas dificuldades. Cabe destacar que é recente a conquista de igualdade salarial entre a seleção masculina e feminina por lá.

Essas particularidades que podem ser percebidas nas diferentes culturas são importantes na constatação e afirmação do que já se discute há muito tempo de que, biologicamente, o bom desempenho na prática esportiva depende de investimentos e interesses, porém, socialmente, investimentos e interesses dependem da presença masculina.

4.2 A experiência profissional

4.2.1 *"Nunca encarei o futebol como um trabalho"*: a importância da regulamentação do futebol de mulheres

As dificuldades encontradas no acesso ao futebol são apenas o início de um percurso repleto de entraves para as futebolistas. As adversidades, que se apresentam logo nos contatos iniciais e aproximações com a prática esportiva, refletem a maneira como a modalidade se estruturou no Brasil. É notável que, mais recentemente, houve mudanças significativas na presença feminina nos gramados e na televisão (seja na exibição dos jogos ou em espaços jornalísticos), mas, também é perceptível que há um longo caminho a ser percorrido e que as instituições precisam estar atentas e assumir responsabilidades, com outras possibilidades de organização que viabilizem o enfrentamento da dura realidade vivenciada pelas jogadoras.

O futebol movimenta paixões de quem joga e de quem torce e, certamente, esta é uma questão que contribui para que o esporte, por vezes, não seja compreendido como uma atividade laboral. Na discussão anterior que tratou da entrada das jogadoras no universo esportivo, ficou evidente que o futebol não foi encarado como uma possibilidade de ascensão social e, durante o percurso da pesquisa, surgiram outras falas que refletem a ausência de uma regulamentação que garanta remuneração e que as relações de trabalho fiquem definidas.

Elza, uma das participantes, encarou com certo estranhamento algumas considerações realizadas durante a entrevista que colocavam a atividade esportiva no lugar de trabalho:

De cinco anos que eu joguei profissionalmente, eu recebi salário em dois, sendo que em um ano era apenas uma ajuda de custo. Então, assim, eu nunca encarei o futebol como um trabalho porque ele não me remunerava e a minha ideia de trabalho era algo que você oferece o seu serviço e alguém te remunera por aquilo. O conceito fundamental de trabalho eu não sei, não sei dizer em termos técnicos, mas era isso que eu tinha em mente. Então era muito difícil pra mim, conseguir enxergar aquilo como um trabalho, enxergava como um sonho, como minha paixão, meu desejo e acho que olhando para as meninas ali, acho todo mundo que tinha essa consciência também (Elza).

É interessante perceber que a jogadora afirma não saber o “conceito fundamental de trabalho”, mas parte de uma concepção do trabalho na sociedade capitalista em que a ausência ou presença da remuneração define se a atividade desempenhada é trabalho ou não. Dentro dessa lógica, deixamos de questionar as estruturas de poder que envolvem a desvalorização da mão de obra feminina desempenhada no trabalho dentro dos lares. Conforme sinalizado por Saffioti (2011), o trabalho feminino desempenhado fora do lar, comumente, é encarado como uma extensão do trabalho doméstico e do trabalho do cuidado e, não por acaso, as mulheres representam maioria na área da saúde e da educação, áreas não dominadas por homens. Portanto, existe uma concepção de que as mulheres não precisam se especializar na realização das tarefas, dado que o cuidar e o educar, numa concepção patriarcalista, são atributos inatos à natureza feminina.

Neste sentido, as mulheres que partem para atividades de trabalho que são dominadas por homens, na melhor das hipóteses, são vistas como aventureiras, super esforçadas, até inteligentes, mas não o suficiente para desempenhar tais tarefas com a maestria masculina (Saffioti, 2013). Se tratando de atividades físicas de alto rendimento, terreno amplamente dominado pelo masculino, na qual as diferenças biológicas fundamentam e justificam a

ausência de investimentos e reconhecimento, as dificuldades parecem ainda maiores, pois trata-se de um distanciamento extremo da concepção da mulher com toda a sua sensibilidade e delicadeza que se fundamentam nos atributos físicos (Collins e Bilge, 2021).

Apesar da evidente ausência de estruturas que possibilitem o desenvolvimento da prática esportiva entre as mulheres, as justificativas pelo baixo prestígio do esporte ainda tem como foco a culpabilização das profissionais, conforme compartilha Elza:

Eu lembro que as pessoas falavam muito do tipo 'ah, mas também as meninas não levam a sério, o problema é que as meninas não são profissionais', mas pô, você pega um contexto desse aí que eu tô descrevendo pra você, como você vai levar a sério, sabe? Então você já vê que o machismo, o preconceito já está engendrado nessa afirmação. A gente vive em uma sociedade capitalista, então, eu acho que o que confere valor ao trabalho que você exerce é o quanto te remuneram.

Uma das mudanças recentes de maior impacto teve como consequência a reorganização de parte dos clubes brasileiros. A já referida determinação da CONMEBOL, em 2019, de que todos os times masculinos que disputassem algum campeonato sul-americano, obrigatoriamente, teriam que contar com um time feminino exigiu uma reestruturação por parte dos principais clubes brasileiros e fez emergirem aspectos positivos e negativos, na concepção das jogadoras. Positivos no sentido em que amplia a presença feminina no futebol e cria mais oportunidades para a profissionalização, negativos porque não há especificações para a criação desses times e, tampouco, parece existir qualquer fiscalização, situação que pode contribuir para situações precárias de trabalho.

Para a jogadora Fernanda, a determinação também carrega uma contradição *”O lado bom é que os caras não têm mais desculpa. O lado ruim é que a gente sente que depende disso pra poderem nos valorizar. Eu acho que é desnecessário, mas talvez a gente não estaria aqui hoje, não sei. [...] como seria se não fosse obrigado? A gente fica se perguntando”*.

É perceptível na fala da jogadora a importância do reconhecimento do trabalho desempenhado por elas. Portanto, é natural o desconforto gerado por uma determinação que impõe a existência de times femininos como condição necessária para que times masculinos sigam em disputas. Apesar do incômodo, a regra estabelecida pela CONMEBOL pode ter impactos positivos, considerando que desde a sua constituição, a participação das mulheres no futebol sofreu com situações de impedimentos que faziam o oposto de fomentar a profissionalização da modalidade. A política adotada é uma ação afirmativa que tem por objetivo tornar a modalidade mais estruturada e competitiva, contudo, os apontamentos feitos pela jogadora evidenciam que são necessárias outras ações conjuntas, que possam garantir melhores condições de trabalho para que tal política não se configure, para os clubes, apenas uma formalidade que garanta a continuidade dos times masculinos.

A formalização e o reconhecimento do vínculo de trabalho adotado por alguns clubes, também é percebido pela jogadora como algo importante, pois, quando apoiadas na CLT, as jogadoras passam a ter acesso a direitos trabalhistas que, antes, eram negados, além de contarem com uma maior segurança, situação que fica impossibilitada nos vínculos instáveis. Entretanto, essa não é a realidade da maior parte das jogadoras. Tendo em conta que os vínculos de trabalho no formato da CLT não são uma obrigatoriedade, ainda é pouco representativa a parcela de clubes que oferecem contratações formalizadas, a maior parte deles continua a fazer contratações por temporada ou para jogar um campeonato específico sem que isso seja formalizado.

Durante a pandemia, por exemplo, muitas jogadoras sem nenhum vínculo empregatício ficaram sem receber o salário ou foram dispensadas pelos respectivos clubes durante o período em que a modalidade esportiva esteve paralisada. Para Fernanda, a segurança de um vínculo formalizado foi essencial para enfrentar o momento:

Quando teve a pandemia, a gente ficou em casa, mas ficamos recebendo, teve redução de salário depois de dois meses acho, mas teve pra todo mundo. Os caras não foram lá e simplesmente falaram ‘vocês não vão receber mais’, teve uma conversa, uma justificativa compreensível. Hoje eu tenho uma garantia (Fernanda).

A ausência de formalidade e de regras definidas prejudica a profissionalização do futebol jogado por mulheres. Uma outra situação que ficou em evidência em razão da pandemia foi o recurso emergencial, no valor de 127 mil reais, disponibilizado pela CBF para que os clubes mantivessem os times femininos. Sem uma clara finalidade, cada clube pôde decidir o que fazer com o dinheiro. No Esporte Clube Vitória, tradicional clube de Salvador/BA, a verba não foi usada para o pagamento das profissionais, sob a justificativa de que o dinheiro foi repassado ao clube e que, portanto, caberia aos seus dirigentes definirem o que fazer com ele (Mendonça, 2020).

Em vídeo publicado no site do Sindicato dos Atletas em 2020, o presidente Rinaldo Martorelli, considera que o futebol de mulheres precisa ser reestruturado no Brasil e que essa questão não deve ser tratada como uma ‘aventura’ pelos clubes, mas com seriedade e comprometimento, responsabilizando as instituições e pensando em estratégias que possam garantir o fortalecimento da modalidade.

O exemplo citado do que ocorreu durante a pandemia evidencia que a criação de políticas precisa se dar de forma mais cuidadosa e com objetivos bastante definidos, que possam ir além de garantir a permanência dos times masculinos em disputas de campeonatos. A questão primeira deve ter como foco o desenvolvimento do futebol jogado pelas mulheres, pois, o estabelecimento de determinações, por si só, não tem possibilitado a emancipação efetiva das jogadoras.

Outro importante a ser considerado na análise dos contextos de trabalho e formalização dentro do futebol é a forma como a modalidade se estruturou no Brasil.

Conforme Nascimento e Santos (2023), o futebol desde o início de sua mercantilização é marcado pelas relações de poder que envolvem classe social, sendo dominado pela elite financeira no controle da atividade e, também de raça, considerando que os corpos negros são maioria. Desta forma, além de todas as problemáticas encontradas pelas mulheres no percurso da atividade, devemos refletir também acerca de que os contextos de trabalho em que historicamente existe a predominância da população negra, são mais negligenciados e marginalizados em direitos, considerando que o nosso modelo econômico tem fortes raízes na escravidão.

4.2.2 “Uma sensação horrível de prisão”: vivendo no trabalho

Viver no trabalho é uma realidade bastante presente no processo de tornar-se jogador ou jogadora de futebol no Brasil. É comum que os alojamentos, principalmente nos grandes clubes, recebam crianças e adolescentes vindos de todos os lugares do país e que são iniciados desde muito cedo na experiência de morar no mesmo espaço em que trabalham. No caso dos meninos, o acesso ao time profissional nos grandes clubes tem como consequência a emancipação financeira que garante o rompimento com a realidade de trabalhar e morar em um mesmo espaço.

No entanto, no caso das meninas, a maioria e a presença no time profissional de um grande clube não são garantia de uma mudança emancipatória e libertadora na relação entre moradia, lazer e labor. Pelo contrário, o controle institucional apresenta-se como mais uma ferramenta de reprodução do patriarcado, uma vez que, independentemente da idade ou do nível profissional, a maior parte das jogadoras continuam submetidas ao controle dos alojamentos em razão de uma ausência de alternativa oferecida pelo clube e também pelas baixas remunerações que impossibilitam morar fora dos alojamentos. A jogadora Meg relata as dificuldades vividas no alojamento de um clube influente:

Você imagina eu, com 30 anos nas costas, tendo que falar em portaria tipo assim ‘tô indo no mercado. Parece que aqui as vezes eles acabam querendo influenciar muito na nossa vida pessoal, influenciar muito em querer saber o que você tá fazendo fora dos momentos de treino, sabe? Eles querem se intrometer muito na nossa vida. Lá [em referência ao time que jogou anteriormente] eles colocavam regras: tinha que falar na portaria onde ia, eles marcavam a hora que saía, a hora que voltava, tinha toque de recolher dez horas da noite (Meg).

Anteriormente apresentamos as importantes considerações realizadas por Hirata e Kergoat (2007), Saffioti (2015) e Federici (2021) acerca do trabalho reprodutivo e sobre o fato de o trabalho das mulheres, por vezes, ser encarado como uma extensão das atividades domésticas. Neste sentido, é interessante refletir a forma como os espaços vão se esculpindo de modo a garantir o funcionamento patriarcalista, mesmo quando a atividade de trabalho em si em nada se relaciona com o trabalho doméstico, como no caso do futebol. A maneira como as instituições atuam apresenta semelhanças com o controle e a violência vivida por mulheres em seus próprios lares, ou seja, ainda que as jogadoras se distanciem das profissões ditas ‘femininas’, os espaços que elas encontram reproduzem uma relação quase que paternal.

Ainda que seja possível traçar algumas aproximações na experiência do trabalhar em casa ou morar no trabalho, é perceptível que ambas possuem características distintas. Se considerada a finalidade da adoção do método de cada uma delas, os dois casos têm como pano de fundo os interesses pelo aumento da produtividade. Contudo, o controle exercido sobre as jogadoras parece ir além. O que é vivenciado por essas mulheres se aproxima fortemente do que é experienciado pelos garotos que jogam nas categorias de base dos clubes. Entretanto, nesses casos, o clube de fato assume a responsabilidade legal por aqueles que são menores de idade. Parte daí a justificativa do controle com os horários de entrada, saída, obrigatoriedade em dizer o lugar para onde está indo etc. Para a jogadora Meg, viver no trabalho pode ser comparado com viver de forma aprisionada:

Era um tal de querer tomar conta da sua vida de todas as formas e querer fuçar tudo que você faz. Eu fazia faculdade e fazia uns treinos de crossfít porque, às vezes, a gente treinava lá só um período e eu sou muito elétrica, quero treinar, fazer as coisas e aí eu não sentia que era suficiente pra mim, então, procurava um treino extra, por sentir que tava caindo fisicamente. A preparadora de goleira me seguia, tirava foto e, depois, ameaçava que, se eu não parasse, ela ia mostrar pros caras da direção e eles iam me mandar embora por justa causa porque eu tava fazendo treino complementar. Era um nível da pessoa te seguir pra saber o que você tava fazendo, olha que loucura? Uma sensação horrível de prisão, eu falava que estava no semiaberto (Meg).

De acordo com as justificativas apresentadas pelo clube, conforme relato da jogadora, a principal finalidade do controle feito no alojamento é garantir um desempenho do trabalho da forma mais alinhada possível com os interesses da instituição. Todavia, o controle do corpo que habitualmente vemos acontecer no universo esportivo é intensificado no futebol jogado pelas mulheres, considerando as dificuldades financeiras que impossibilitam que essas mulheres possam morar fora do alojamento (Vieira, 2022). A partir disso, emerge o questionamento: até que ponto esses interesses e esse controle realmente se fundamentam nos resultados, quando estamos discutindo o lugar da mulher profissional de futebol? Esta pergunta surge a partir da identificação de que pouco se investe na categoria, conforme será mais bem discutido na próxima seção, portanto, o argumento da garantia de melhores resultados, não se sustenta, principalmente se considerarmos que essa visão não se aplica ao time masculino do mesmo clube.

Outro aspecto relevante destacado pelas atletas é a falta de identificação com o local de moradia, a ausência de possibilidade de poder modificar o lugar, receber visitas, garantir os limites das suas intimidades, sentir-se pertencente e, ao mesmo tempo, sentir que aquele espaço lhes pertence, conforme o esperado dentro de um lar. A impossibilidade de usufruir de um espaço que ocupam diariamente não contribui para que se sintam efetivamente pertencentes àquele meio. As jogadoras relatam conviver com a sensação de que apenas

moram naquele lugar, mas não o consideram como uma casa. Embora passem a maior parte do tempo nos espaços internos dos clubes, existem diversas restrições que impedem o uso das comodidades, seja em benefício próprio com a finalidade de lazer ou, até mesmo, no desenvolvimento delas como atletas.

A gente não tem acesso a nada. Tem três piscinas top, tem quadra de tênis top, a gente não pode usar, a gente só mora aqui. Inclusive, quando a gente foi renovar, algumas meninas até questionaram, falaram para os empresários pra falar sobre esse negócio de alojamento, porque a gente preferia ter uma casa ou apartamento, poderia dividir quarto com outras meninas, mas em apartamento ou casa, pra gente ter mais privacidade e liberdade (Fernanda).

De acordo com Sennett (1999/2018) a relação de controle provocada pelas instituições afeta diretamente a subjetividade da pessoa subordinada que se percebe impedida e incapaz de estabelecer uma relação dialética com o ambiente que é habitado por ela e que age sobre ela. Ocorre o apagamento das identidades individuais, na qual, o outro é colocado como coisa e, conforme já discutido por Faustino (2018), enquanto coisa, não lhe cabe o respeito nem a valorização, além da impossibilidade de formação de uma identidade coletiva que caracterize e represente o grupo de acordo com seus próprios interesses.

A intensa convivência e o controle dos alojamentos, revelam também poucas possibilidades de dar vazão aos sentimentos que podem ser reprimidos. Os conflitos existem, conforme sinalizados pelas jogadoras e pela assessora, tanto no nível profissional, quanto pessoal. São exemplos de situações: a insatisfação pelo baixo rendimento da outra em uma partida, uma entrada mais dura durante os treinos, a disputa por posições, além de questões a nível pessoal que envolvem os relacionamentos amorosos. Diante do contexto em que não existem muitos espaços para a circulação das jogadoras nas dependências dos clubes, os quartos são compartilhados e existe a obrigatoriedade em dividir esse espaço/”lar” com alguém que pode estar causando profundo desconforto, o sofrimento tende a se intensificar e pode ter impactos emocionais ainda mais profundos.

No entanto, no contato inicial com o campo, uma das falas da assessora e, posteriormente, também de uma entrevistada que atuava em um outro clube, revela que os momentos coletivos entre as jogadoras fora de campo são bastante importantes enquanto uma forma de aliviar a tensão causada pelo intenso volume de treinos e jogos. A convivência diária proporcionada pela experiência de viver no alojamento do clube, ao mesmo tempo em que rompe com a separação de casa e trabalho, estreita os vínculos afetivos entre as jogadoras. Tal imersão nesse universo tão particular, requer que essas mulheres construam a sua própria ‘comunidade’ que compartilha de ideias, músicas, posturas, entre outras coisas que são importantes para a existência de uma proximidade entre o grupo.

Esse compartilhar de ideias e essa troca entre as jogadoras parece ser um fator importante no enfrentamento das situações cotidianas de trabalho, considerando que todas estão experienciando situações parecidas, na qual a violência institucional de gênero prejudica o desenvolvimento destas mulheres em sua atividade profissional, de forma a ferir a dignidade das atletas. Neste sentido, é importante que os clubes e as instituições que regulamentam o futebol sejam responsabilizados e forçados a garantir políticas eficazes de avanço e investimento que assegurem o respeito e o combate a estas situações vivenciadas por elas.

4.2.3 “*Não tem estrutura, mas tem cobrança*”: dificuldades estruturais

As dificuldades estruturais que resultam do baixo investimento na modalidade feminina são os principais desafios apontados pelas jogadoras. Mesmo em grandes clubes, além da notável diferença salarial, os problemas de estrutura no ambiente de trabalho são díspares dos times profissionais masculinos. Apesar da diferença no investimento e no reconhecimento, a cobrança da torcida é que se apresente um futebol de alto nível, enquanto a

expectativa dos investidores é a de que o futebol de mulheres gere altas receitas aos clubes, patrocinadores e à mídia televisiva.

Tais diferenças se manifestam desde as categorias de base. De acordo com uma assessora, com experiência em um grande clube, o time profissional das mulheres pode ser comparado ao sub-15 masculino de uma mesma instituição, considerando a estrutura, o reconhecimento e a remuneração recebida pelas atletas. Como exemplo, ela destaca o recebimento de chuteiras: no sub 20 masculino, há jogadores que recebem até 12 pares de chuteira por mês dos patrocinadores, enquanto as mulheres que jogam no time profissional precisam comprar suas próprias chuteiras, mesmo recebendo um salário inferior. Para a jogadora Meg a ausência de estruturas não apenas impede o desenvolvimento das atletas como profissional, mas, em algumas situações, representam também um risco:

A gente fica num quarto aqui que a parede tá se rachando aqui atrás, olha aqui [aponta para a parede], ela tá pegando a parede inteira e tipo assim, isso aqui pode cair. Eu vejo uma rachadura como "atenção, perigo!". Não tem ventilação, é fechado, se pegar fogo só tem essa porta pra sair, a gente morre aqui dentro. Então, assim, eu tô rindo, mas é um negócio sério. Olha onde a gente fica?! É ridículo pra um time como esse. Aí tem os meninos da base que tem uma baita de uma estrutura que eles ficam, cada um tem seu quarto, tem ar condicionado, refeitório excelente, comida própria pra atleta... Tem 12 campos lá e a gente vai lá e treina no sintético, a gente não tem direito nem de treinar num campo de grama (Meg).

A fala da jogadora demonstra preocupação e insatisfação com o contexto. Durante as entrevistas com todas as mulheres é notável a ausência de figuras femininas na construção desses diálogos e espaços, são sempre homens ocupando os lugares de poder e que determinam as regras, as responsabilidades, as condições etc.

Sato e Bernardo (2005), apontam que comumente os trabalhadores e as trabalhadoras reconhecem as situações de risco que envolvem o trabalho, entretanto, ao se depararem com contextos já estabelecidos e com poucas possibilidades de mudança, acabam se submetendo

às condições impostas. No caso das mulheres, a submissão não se relaciona especificamente apenas com esse trabalho, mas também com a forma como se organizam as atividades produtivas em uma sociedade patriarcal.

A jogadora aponta a responsabilidade - ou a ausência dela - dos clubes e dos patrocinadores na distribuição dos uniformes e chuteiras, uma vez que eles podem organizar de forma mais justa a divisão dos materiais e espaços dentro do clube. No entanto, mesmo com os questionamentos, que são direcionados também aos empresários, a resposta é que os materiais estão em falta:

Fico pensando, ‘Será que não tem mesmo? Será que eles pedem? Será que o patrocinador manda e eles que não liberam? Não tem nada que possam fazer?’. É um negócio suspeito. Por que eles não poderiam brigar? Tinham que falar ‘pô, tem que ter tanto uniforme, manda tanto a cada determinado tempo’. Eu não sei se acontece isso, se há essa preocupação, a gente não tem como saber. Todo mundo pensa ‘ah não, time de camisa⁵, deve dar uniforme, isso e aquilo’. A gente passa o maior perrengue, porque assim, é duas peças de roupa de treino, lava e usa, lava e usa. Chega final de temporada, você tem que devolver tudo. São duas polos pra você passar o ano de viagem, de hotel, você tem que ficar passando o maior perrengue com as camisas o ano inteiro, shorts é um, calça é uma, chega no final do ano você tem que devolver tudo (Meg).

A fala de Meg revela uma profunda sensação de injustiça diante do que tem vivenciado em seu cotidiano de trabalho dentro do clube, uma injustiça que se fundamenta na humilhação das atletas e que não parece ter outra justificativa que não seja pautada na violência de gênero. É nítido o desconforto e o sofrimento causado pela percepção das desigualdades que permeiam sua experiência como jogadora. É uma colocação carregada de indignação que provoca inquietações ao ponto da entrevistada buscar em diversas esferas os responsáveis pela situação enfrentada. No entanto, apesar das dificuldades vividas, poder dizer “eu jogo no clube tal” e ser reconhecida enquanto profissional dos chamados “times de

⁵ ‘Time de camisa’ é a expressão utilizada dentro do futebol para caracterizar os grandes clubes.

camisa”, aparece também como um motivo de orgulho, principalmente se observada a postura das atletas nas mídias sociais.

Na identificação com o espaço a partir de um reconhecimento social, ainda que este seja um espaço violento, os clubes, sabendo que a realidade enfrentada nos times menores são ainda mais complexas, estabelecem no discurso de pertencimento uma estratégia de dominação. Bernardo (2009), ao analisar as contradições vividas por trabalhadores de duas grandes indústrias automobilísticas, encontrou algo semelhante: naquela ocasião, poder dizer que trabalhava na empresa “x” ou “y”, era motivo de orgulho e de status nos ambientes fora daquele contexto de trabalho, ainda que a atividade laboral fosse extremamente adoecedora. Tal fato era estimulado pelas próprias empresas que tinham conhecimento desse valor social carregado pelo nome delas.

É interessante observar como essas situações envolvem questões estruturais que vão além do que se pode captar em experiências individuais. Daí, a complexidade em responsabilizar e se posicionar diante das situações de injustiça e precariedade. No caso do futebol, que se configurou como um esporte altamente rentável internacionalmente, existem diversas instituições internacionais e nacionais que estabelecem regras de funcionamento e que também são, ou deveriam ser, responsáveis por fiscalizar a forma como o futebol se estrutura nos diferentes países do mundo. Entretanto, instituições como a FIFA e a CBF parecem mais interessadas nas altas receitas geradas pela prática esportiva, do que na produção de ambientes mais saudáveis, menos precários e comprometidos com competições mais justas (Gonçalves, 2018).

As adversidades enfrentadas pelas jogadoras atravessam a distribuição de materiais (uniformes e chuteiras), passando por problemas relacionados à alimentação, até a disponibilidade de estrutura para a realização dos treinamentos e jogos. Fernanda relata que,

apesar de serem profissionais, é nítido que não são prioridade dentro do clube. Ao contar sobre a rotina de treinos, na qual o time todo precisa ser deslocado para um município vizinho para se preparar, a percepção fica em evidência:

O treino acaba às 11h30, o trânsito às vezes é de 40 minutos. Chega aqui, o horário de almoço é até as 14h da tarde, então a gente chega aqui 13h30 correndo pra conseguir almoçar, sendo que a gente poderia comer lá. Lá, eles abrem a partir das 11h30 o refeitório e tem que ser os meninos [da base] primeiro, depois a gente. Eles falam assim pra gente: ‘ah, se vocês quiserem almoçar aqui vai ser a partir de 13h30’, não têm condições da gente terminar o treino 11h30, ficar esperando até 13h30 pra poder almoçar, sabe? É como se a gente tivesse ali realmente de favor (Fernanda).

A jogadora Meg também relata sentir-se frustrada com a falta de organização na distribuição dos gramados disponíveis para treino: *“A gente só treina no sintético e quando eles liberam. O de grama é um campo pequeno. Ficam jogando a gente pra lá e pra cá. Aí, a gente falou ‘Ué, mas o campo não era nosso? Agora não é mais? Não tem a estrutura, mas tem a cobrança”*. Apesar de estarem submetidas a uma situação que impossibilita um melhor desenvolvimento e desempenho profissional, as cobranças continuam as mesmas, na qual, perder um jogo ou campeonato, pode significar um recuo nos investimentos e não o contrário.

Novamente recorrendo a Seligmann-Silva (2011), a compreensão da relação entre o trabalho e a trabalhadora passa por diversas esferas que são determinantes no desenvolvimento da atividade profissional e dos impactos na vida das pessoas. As condutas hostis adotadas pelos clubes refletem as dificuldades encontradas pelas mulheres em diversas situações de trabalho. No caso do futebol de mulheres as críticas parecem sempre ficar centradas no desempenho das profissionais, deixando escapar a complexidade dessa co-responsabilização.

4.3 Implicações e efeitos das contradições

4.3.1 “*O trabalho e a vida não têm muita divisão*”: a vida fora de campo

Diversas têm sido as discussões feitas pela Psicologia Social do Trabalho acerca de como o trabalho tem assumido características que extrapolam os limites de espaço e de tempo dedicado à atividade. Durante a pandemia, por exemplo, as possibilidades de que algumas tarefas fossem adaptadas 100% ao home office tem impactado diretamente a saúde mental de quem está nessa condição. Como exemplo disso, temos o aumento significativo no número de pessoas adoecidas pelo trabalho, com quadros de ansiedade, depressão, síndrome do pânico, dentre outras patologias. A concepção de desgaste mental de Seligmann-Silva (2011) nos ajuda na compreensão da forma como os processos sociais, políticos e econômicos relacionam-se diretamente com o trabalho e, como consequência, com o adoecimento.

Conforme apresentado anteriormente, a autora destaca que as análises do adoecimento mental relacionado ao trabalho devem levar em consideração cinco patamares que se relacionam e ajudam na compreensão da relação entre trabalho e desgaste mental: internacional, nacional, empresas, contexto microssocial no ambiente de trabalho e os aspectos individuais.

No caso das jogadoras, esses patamares podem ser respectivamente representados por instituições internacionais que regulamentam a prática profissional do futebol, como a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL); no patamar nacional, é necessário que se considere todo o contexto histórico do futebol apresentado anteriormente e a gestão da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), assim como a conjuntura política, social e econômica do Brasil na atualidade; no patamar das empresas, cabe destacar os parâmetros e regras estabelecidos por cada clube

em que as jogadoras atuam; no espaço microssocial, há de se considerar as relações entre as jogadoras e toda a equipe de trabalho (técnico, preparador físico, nutricionista etc); e por último, o território da individualidade, que representa a trajetória pessoal de cada uma delas e como essas singularidades se relacionam com os outros patamares.

No que se refere ao patamar internacional e ao patamar nacional, conforme apresentado na seção que trata da importância da regulamentação do futebol de mulheres, sinalizamos os avanços e as adversidades encontradas por essas mulheres no exercício profissional. Em relação aos clubes, as dificuldades estruturais, as instabilidades contratuais, a alta rotatividade, a rotina de treinos, jogos e viagens, afetam diretamente a vida das mulheres que jogam futebol. Tais vivências podem impactar tanto nas relações do coletivo de trabalho, quanto na vida pessoal, considerando que, não raramente, as jogadoras precisam abrir mão de outras realizações pessoais para dar continuidade ao trabalho esportivo. A fala da jogadora Elza, casada com um homem, é um exemplo de como essa forma de organização do futebol impacta na vida das jogadoras:

Comecei a namorar cedo e eu queria uma família, queria construir uma família e queria construir uma vida com o meu marido, na época meu namorado. Eu olhava e falava 'meu, todo final de semana eu vou estar viajando', é difícil você conseguir construir a sua vida social sendo atleta, tanto que eu sinto que as meninas tem um mundo muito particular delas ali, os rolês delas, as baladas delas, as revoadas delas, porque meio que é o espaço que elas criam pra conseguir viver nesse ambiente do futebol (Elza).

A instabilidade, alta rotatividade e as viagens não são uma característica particular da experiência feminina no esporte, pois são questões que se encontram presentes também no futebol masculino. A necessidade de criar esse “mundo particular”, sinalizado pela jogadora, evidencia a carência de pertencimento social em outros grupos de afetos que são parte do cotidiano, como estar perto da família e de diferentes grupos de amigos. Entretanto, no caso do futebol, em níveis diferentes entre o masculino e feminino, existe um controle desses

corpos (Vieira, 2022) - seja pelo clube, pela mídia ou até pela própria torcida - que limita (direta ou indiretamente) a manutenção de muitos desses vínculos. Assim, o que, para o restante das pessoas, são situações comuns, podem ser entendidas como falta de comprometimento para quem atua profissionalmente no futebol.

No futebol masculino, quando se trata dos grandes clubes, a possibilidade de constituição familiar se dá de forma diferente em função dos altos salários oferecidos, ganhos com a imagem e patrocínios, fatores que facilitam uma estrutura que garante os cuidados com a família. Esta estrutura envolve também a preservação de uma organização patriarcal com papéis bastante definidos nessa relação, pois, se tratando do futebol masculino, no geral, as relações expostas são heteronormativas, de forma que a imagem feminina veiculada é a da mulher que apoia incondicionalmente a carreira do parceiro (Goellner, 2021).

Desta forma, a partir dos relatos de experiências das jogadoras profissionais dentro de grandes clubes, emergem os seguintes questionamentos: quantos são os homens que abririam mão de suas próprias carreiras, projetos pessoais, grupos sociais e família para acompanhar suas companheiras no trabalho como jogadora? Quais são as possibilidades financeiras que uma jogadora encontra nesse percurso que garante estabilidade para uma família? Existe de fato um interesse por esse cuidado familiar por parte dos clubes ou essas questões são importantes apenas quando estão dentro do padrão normativo de família? Se, para os jogadores de grande destaque, as relações familiares parecem importantes para os clubes e também para as mídias, que constantemente expõem a vida pessoal dos atletas, para as mulheres, essa é mais uma identidade que parece não existir.

Para Elza, o planejamento familiar é uma questão que sempre esteve presente. A jogadora conta que as constantes mudanças de clube dificultaram a concretização do sonho de ser mãe, fator que foi determinante na escolha por interromper a carreira para ficar mais

próxima de seu companheiro e da sua família para, então, começar a planejar a maternidade. Em sua experiência, o futebol representou por muitos anos a maior barreira na concretização de um dos seus maiores sonhos:

O trabalho e a vida não têm muita divisão e você não consegue nem ter essa coisa, tipo, formar a sua família. Não dá, porque o esporte pede tudo de você, não dá pra você dar um pouquinho só, você tem que entregar tudo. Então essa questão, imagina, todos esses pontos, a lesão, a competitividade e você ainda tá sozinho em um outro país e as pessoas falam 'poxa, mas aí vai voltar pro Brasil pra jogar em um nível pior?', mas pô e a pessoa? E a vida dela? Às vezes, ela tá cansada de ser sozinha, ela quer ter prazer na vida, o trabalho não é tudo. Você pega assim, os contextos né, por exemplo, uma menina que vai jogar fora em alto nível, ela tá lá e ela tá sozinha. Ela não tem família, não tem um relacionamento, isso tudo pode fazer a pessoa se sentir mal, adoecer mesmo (Elza).

Nesse sentido, a maternidade aparece como um ponto central para as mulheres que são mães, que desejam gestar ou adotar uma criança. Para as atletas de esportes de alto rendimento, muitas vezes, as alternativas que restam são: abrir mão da profissão ou do desejo de gerar uma criança. Considerando que a maior parte dos clubes não oferece vínculo formal de trabalho e que a carreira como profissional é curta, a opção pela gestação pode significar a interrupção da carreira como jogadora, posto que as mudanças corporais geradas pela maternidade não condizem com o condicionamento físico considerado adequado para as jogadoras e que a rotina de treinos exige muito mentalmente e fisicamente. Além disso, os vínculos precários de trabalho não garantem a licença maternidade, fato que torna a decisão ainda mais complexa.

A jogadora Fia, apesar de não ter experienciado a gestação durante sua carreira, pois se tornou mãe ainda na adolescência, relata dificuldades em conciliar o trabalho com a maternidade. Mesmo jogando em um clube de grande porte, as estruturas sociais e financeiras não possibilitam que a filha consiga estar próxima a ela:

É bem complicado quando você precisa do corpo pro seu trabalho e você quer ter um filho. O filho cresce sem pai, mas crescer sem mãe é mais complicado, porque o filho é da mãe. O homem consegue sobressair nessa parte, porque ficar longe da família em si é ruim, tanto pra um, quanto pra outro, mas ser mãe e ficar longe de um filho é bem complicado, até mesmo pra criança. É muito normal no mundo uma criança crescer sem pai e ficar mais tranquila do que sem uma mãe, sabe? Eu agradeço a Deus por ter conseguido ter minha filha antes, não sei como seria conciliar uma gravidez com o futebol. Agora, mesmo que eu fique longe dela e isso seja ruim, eu sei que é tudo por ela também (Fia).

As aspirações por uma mudança de vida representa o desejo de superação das dificuldades enfrentadas em sua situação de origem. Apesar de a maioria das jogadoras relatarem não terem entrado no futebol com a expectativa de ganhar muito dinheiro, para a jogadora Fia, a profissão em que está inserida pode ser uma via de melhorar sua própria condição de vida e proporcionar uma vida melhor para a filha. Todavia, é possível notar que a fala de Fia reproduz estruturas patriarcais que, a todo momento, culpabilizam as mulheres pelas escolhas que por elas são feitas, seja em benefício da carreira ou da vida privativa. É uma narrativa que naturaliza inclusive a ausência paterna, mas que revela uma leitura daquilo que se vive, o lugar da mulher como mãe e provedora, que se coloca em segundo plano. É claro que Fia confronta esses paradigmas quando opta por seguir em frente com a carreira, mesmo que, para isso, precise estar longe da sua filha, porém, tal escolha continua carregada de culpa.

Em uma sociedade que se organiza a partir do trabalho reprodutivo, é comum que as mulheres que rompem com tal padrão de funcionamento sintam-se culpadas e insuficientes, sentimentos que se relacionam com os aspectos discutidos por Hirata e Kergoat (2007) no que diz respeito à divisão sexual do trabalho.

Cabe destacar que a maternidade não é colocada como uma barreira apenas nos esportes de alto rendimento, tampouco apenas nos esportes de forma geral, mas, na experiência da mulher que desempenha atividades de trabalho fora do ambiente familiar. As

autoras Fiorin, Oliveira e Dias (2012), salientam que as dificuldades na conciliação entre trabalho e maternidade são encontradas em diferentes tipos de profissões, principalmente naquelas em que se concentra uma maioria masculina.

Para a jogadora Elza, que revelou o desejo pela gestação durante a entrevista, compreender as estruturas patriarcais tem sido um processo bastante importante no entendimento do lugar que ocupa enquanto mulher na sociedade, revelando que o processo de tomada de consciência é necessário na medida em que contribui para o enfrentamento das dificuldades. Quando indagada sobre os sentimentos causados pelo distanciamento familiar e o planejamento na conciliação de carreira e gestação, Elza diz:

Hoje, eu estudo mais isso e hoje consigo entender melhor que é fruto de uma sociedade patriarcal, dos primórdios, então você vê que em uma sociedade, até onde a mulher conquistou o espaço dela por mérito, ela não tem espaço porque está dentro de uma estrutura patriarcal. É realmente muito complexo. A gente tem que ir passo a passo, não tem como subverter as coisas de um dia pro outro, mas acho que a cada demonstração, tipo a música 'jogadeira', as meninas se profissionalizando no futebol, enfim, as mulheres no mundo corporativo também. Todo esse movimento que tem tido no sentido da diversidade, eu acho que é o único caminho possível dentro do espaço que as mulheres conquistaram na sociedade hoje, sabe?

Ainda de acordo com a jogadora, a presença feminina nos espaços de gestão é de extrema importância para avançar na resolução de problemas enfrentados pelas mulheres nos locais de trabalho. No caso do futebol, espaço ocupado majoritariamente por homens, muitas questões específicas das mulheres acabam sendo desconsideradas, não sendo tratadas com a devida atenção e cuidado. Em síntese, é um espaço em que há uma soberania masculina, na qual as mulheres ficam à margem de decisões. Ao contar de uma experiência recente em seu trabalho atual, que não é mais como jogadora, Elza destaca a relevância da presença feminina:

A gente mudou recentemente para empresa cidadã, agora a gente tem seis meses de licença maternidade, aí você vai entender o porquê isso aconteceu e... Ah, entrou uma chefe mulher que, provavelmente, passou por isso e aí ela foi e mudou essa regra. Então, é isso, representatividade (Elza).

A representatividade, palavra que tem sido muito utilizada dentro dos movimentos sociais e pesquisas acadêmicas que pautam a luta antirracista e os direitos das mulheres, por exemplo, aparece como ponto central no avanço das discussões e progresso de direitos. De acordo com Sánchez (2017), a representatividade expressa o direito de um grupo, uma minoria⁶, que se formaliza na presença de pessoas pertencentes a esses grupos ocupando determinados espaços como: cargos de gestão, cargos políticos, os campos da mídia e da moda, entre outras áreas profissionais e ambientes que historicamente se constituíram enquanto lugares ocupados por pessoas que atendem a determinados padrões de cor, sexualidade, gênero, classe social e outros padrões normativos e, por vezes, eurocêtricos.

A presença de pessoas pertencentes a grupos minoritários contribui para que as pautas específicas desses grupos sejam percebidas, discutidas e representadas, tornando a discussão mais nivelada, de modo que a experiência de estar do lado de “dentro” do grupo, pode facilitar um olhar mais amplo para as necessidades reais.

No caso das mulheres no universo futebolístico, a ampliação da participação feminina extracampo pode favorecer o avanço da modalidade e garantir que as especificidades sejam consideradas. Podemos mencionar a importância da já citada assessora no desenvolvimento desta pesquisa. Ela, enquanto a única figura feminina além das jogadoras na ocasião em que visitei o clube de futebol, não apenas foi receptiva como também foi colaborativa desde a primeira aproximação e apresentação do projeto. Tal postura adotada pela assessora, possivelmente, parte da existência de um reconhecimento e identificação com a causa, possibilitada pela representatividade. Desse modo, não foi necessário explicar para ela a

⁶ Por *minoría* entendemos grupos historicamente marginalizados, com menos acessos e direitos.

importância da pesquisa, mas, sim, para os homens que me receberam no clube e todos os outros que fiz contato via internet.

4.3.2 “*Eu sentia culpa por não conseguir render*”: esporte coletivo, sofrimentos individuais?

A transformação do futebol em um meio de obtenção de lucro e concentração de riqueza, conforme situado no *capítulo 2*, confere uma nova forma que passa a produzir também outras relações entre a saúde e o trabalho. A percepção de tais mudanças na prática do esporte permite compreender, a luz do que propõem Laurell e Noriega (1989), a historicidade da biologia humana nessas atividades e suas ‘novas’ características enquanto trabalho na sociedade capitalista, que tem como finalidade a extração da mais-valia⁷.

Para muitas pessoas, a porta de entrada para o futebol é a esperança de superação de situações de pobreza. A maior parte das jogadoras e jogadores brasileiros e os de maior destaque na história do futebol nacional e internacional – como o maior deles, Pelé, bem como Marta e Neymar – são pretos ou pardos e vieram de uma realidade social marcada pela opressão. Se nos primórdios, a participação desta população mais pobre era ignorada pela elite brasileira, o processo de mercantilização do futebol transformou estes corpos em verdadeiras máquinas de produzir dinheiro.

A partir das definições de saúde adotadas pela medicina tradicional, é pré-requisito que uma jogadora de futebol seja saudável. Entretanto, na maior parte das vezes, essas definições ficam centradas em aspectos físicos, considerando peso, massa muscular, resistência e força e, quando consideram os aspectos psíquicos, também objetivam o aumento da produtividade, com treinos de concentração, motivação, estímulo do trabalho em equipe etc (Rubio, 2007).

⁷ Mais-valia é o conceito atribuído pelo socialista alemão, Karl Marx, que representa a discrepância entre o salário pago e o valor produzido pelo trabalho.

Apesar do grande risco de lesões nos esportes de alto rendimento ser uma realidade que assombra o universo esportivo, os relatos das participantes evidenciam o quanto essas profissionais são incentivadas a chegar ao extremo de seus próprios limites físicos e mentais sem, muitas vezes, poder contar com uma estrutura que dê conta dos cuidados posteriores, conforme afirma a jogadora Elza ao destacar os dois principais pontos de sofrimento que ela identifica enquanto atleta:

Os principais pontos pro atleta acho que são as lesões e esse desempenho que é você ser titular e estar sempre ali, brigando pelo seu espaço. Então acho que o trabalho psicológico com o atleta é fundamental pra conseguir lidar com esses altos e baixos, que é normal de todo atleta como ser humano, porque o nosso corpo não é uma máquina, mas, às vezes, parece que esquecem disso [Elza].

Embora seja difícil identificar nesta fala qual é o sujeito ao qual a jogadora se refere ao dizer “às vezes, parece que esquecem disso”, ao longo da conversa, vai ficando claro que esse sujeito pode estar presente em diversos níveis na relação com as jogadoras. Ora, esse sujeito pode ser os dirigentes do clube, ora pode ser a comissão técnica, a família, a torcida, podendo, inclusive, se tratar de uma autopercepção, que também fica afetada com esse discurso, mas que nem sempre é percebida pelas jogadoras. Não raramente ao assistirmos competições em diversos tipos de esportes, presenciamos cenas de atletas que seguem na disputa mesmo com lesões.

É importante destacar que essa autocobrança pode ser motivada pela emoção da disputa ou sensação de fracasso por uma dedicação e preparação anterior, que também influencia na decisão de não sair de cena em meio a uma competição, principalmente quando se trata de grandes clássicos ou decisões importantes. Entretanto, o trabalho motivacional realizado com atletas é baseado em um discurso de superação das próprias limitações, ou seja, de que sempre se pode ir além, sem muitas vezes considerar os aspectos emocionais e físicos, conforme destaca Rúbio (2007). Junto a isso, somam-se os gritos de incentivo que

vem da arquibancada como forma de agradecimento por todo o empenho, que torna um grande espetáculo ver alguém dispor da própria saúde por uma disputa importante.

Outro aspecto a ser considerado numa possível escolha por ultrapassar seus próprios limites físicos e emocionais, citada pela jogadora Fia, é a angústia e o medo de perder a posição por falta de condicionamento físico que se faz presente no cotidiano de trabalho dessas jogadoras. Fia, conta que sofreu muito com a lesão que teve logo ao chegar em um clube, sem sequer ter disputado um único jogo. *“É muito ruim, o jogo rolando, a competição rolando e você parada tendo que tratar e, pode ser que quando você voltar, você volte muito atrás de todo mundo e perca a sua posição”*.

A jogadora Cláudia compartilhou sua exposição ao vírus da COVID-19 no início de 2020, quando os campeonatos estavam paralisados e sem perspectiva de retorno:

Aconteceu esse negócio da pandemia, vim pra minha cidade [localizada em outra região do país]. Achei melhor ficar com a minha família e escapar desse negócio, mas, acabou que eu peguei também. Já tô boa, mas fiquei mal. Eu tava treinando antes, muito, pra caramba! Tava indo pra academia, correndo na rua e tal e foi por esses motivos que eu acabei pegando. Foi por medo de voltar e estar mal fisicamente. Tá sendo assim agora meu dia, sem conseguir treinar, até porque só tem dois cômodos dentro de casa pra cinco pessoas, é tudo muito apertado, a realidade é totalmente outra. Mas, na semana que vem, já estou voltando aos treinamentos (Cláudia).

A pandemia afetou as pessoas de formas diferentes, em algumas situações, o trabalho pôde ser adaptado para a modalidade virtual, contudo, essa não foi a realidade da maior parte das pessoas que trabalham e tiveram de enfrentar a exposição a ambientes com alto risco de contaminação, como os transportes públicos. Para as atletas, paralisar as competições não significou cessar em definitivo os treinamentos, ao contrário, foi necessária a construção de uma rotina que desse conta de manter o condicionamento físico esperado. No entanto, as possibilidades se apresentam de maneiras distintas e se relacionam diretamente com as

estruturas disponíveis, nível de prestígio e investimento financeiro que cada modalidade esportiva tem.

Podemos perceber que, para Cláudia, ainda que o alojamento oferecido pelo clube não fosse o mais adequado em termos de estrutura, aquele espaço parecia mais confortável na manutenção de sua rotina do que a sua moradia de origem com a família, realidade que retrata a classe social de que é proveniente a maior parte das jogadoras e jogadores de futebol. No entanto, tal constatação não altera a reflexão de que, justamente por estarmos discutindo corpos negros, pobres e, nesta pesquisa, dando ênfase aos problemas de gênero, parece naturalizada a violência institucional a qual estão submetidas estas pessoas, pois, se tomamos como referência a vulnerabilidade social, podemos nos deparar com situações bastante complexas, mas, que não justificam o tratamento oferecido por clubes, especialmente aqueles ditos “de elite”. No futebol de mulheres, a baixa remuneração, mesmo para atletas de grandes clubes conforme discutido anteriormente, prejudicou a manutenção da rotina de treino, fator que pode ter tido impacto na saúde mental das jogadoras que tinham a necessidade de permanecer com bom condicionamento físico.

Meg, diferente do que foi colocado por Elza, destaca que nem sempre percebe esse clima de competição entre as jogadoras e atribui essa ausência de conflito aos baixos salários e baixos investimentos na modalidade feminina, mesmo percebendo que existem diferenças entre os clubes em que já atuou *“Acho que também por não rolar tanta grana, como é no masculino, acaba sendo mais tranquilo, mas, eu já tive em clubes que você sentia o ambiente pesado, clima em vestiário muito ruim”*.

A jogadora Fernanda tece considerações que auxiliam na compreensão dessas diferenças percebidas pelas outras duas jogadoras. Para ela, o nível de competitividade que pode gerar conflitos ou disputas saudáveis, tem a ver com a postura adotada pela parte técnica

do time, com como o próprio clube trata essas questões e quais são as justificativas que pautam a escolha de determinadas jogadoras para os jogos:

Vai muito de quem tá liderando também, por exemplo, o treinador. Vai muito dele pra não ter uma rixa de uma jogadora com a outra, vai da gente também, mas acho que mais deles. É uma briga saudável, eu quero jogar, é óbvio que a outra que tá aqui também quer jogar, ninguém tá aqui acomodada falando 'Ah, tô aqui ganhando meu dinheiro e não tô nem aí'. Mentira, já falei isso uma vez quando aconteceu comigo, eu fiquei muito puta da vida com a treinadora e falei 'Quer saber? Tô nem aí, tô ganhando meu dinheiro e não tô nem aí'. Mas não é isso, o futebol fala mais forte, a gente quer jogar, a gente tá ali porque a gente ama aquilo, a gente já jogou de graça, tá entendendo? Então, vai muito de quem tá liderando. Se eu tô na minha posição ali e tô bem e a menina que tá disputando posição comigo também tá bem, não tem porque só eu jogar, tem que dar oportunidade pra todas. Mas, aí, todo técnico tem sua favorita, a menina pode estar só fazendo merda, mas ela vai jogar, isso é complicado (Fernanda).

Tal favoritismo técnico posto por Fernanda pode ser um disparador de angústia que estimula a competitividade entre as jogadoras e provoca sofrimento. No entanto, se considerarmos a influência do marketing e todos os aspectos que se relacionam diretamente com a imagem e lucralidade, conforme apresentado anteriormente, podemos considerar que tais escolhas nem sempre são feitas de forma aleatória ou em razão de uma maior proximidade afetiva entre técnico e jogadora. Existe uma forte influência da mídia e dos patrocinadores que avaliam, até mesmo, a rentabilidade que o tempo em campo e na tela, de pessoas específicas, gera de receita ao clube. Como esquecer o impacto econômico gigante que o jogador Ronaldo Fenômeno teve no Corinthians? Ainda que estivesse com uma forma física que, em geral, é bastante questionada para jogar futebol, estar em campo por cinco minutos, levava milhares de pessoas ao estádio, às telas e ao consumo de produtos do clube e das marcas que o patrocinavam.

O estímulo da competitividade também é uma forma de gestão do trabalho que possui uma intencionalidade por trás, tal modelo reproduz uma lógica de produtividade que é

bastante interessante e lucrativa para os clubes, pois, ao sentir-se ameaçada pelo trabalho e resultados obtidos pela outra pessoa que está na mesma condição laboral, a jogadora é estimulada - forçadamente - a ir além dos próprios limites para não colocar em risco seu posto de trabalho.

O discurso e a lógica de mercado que regem o futebol na atualidade possui muitas aproximações com outras categorias de trabalho, o que nos possibilita traçar algumas análises do ponto de vista da PST. Se comparada essa realidade com o estudo realizado por Bernardo (2009) com trabalhadores industriais, por exemplo, é perceptível a existência de muitas semelhanças no que diz respeito à organização e à gestão do trabalho. Considerando o percurso das mulheres na luta pela inserção em atividades majoritariamente desempenhadas por homens, ocupar um espaço como o futebol pode ter também um sentido que não se concentra apenas no retorno financeiro, mas que é também político e social. Contudo, o percurso que se traça e as escolhas feitas pelas instituições que regulamentam o futebol e os clubes, tem como principal objetivo o aumento dos lucros.

Mascarenhas (2014) destaca as semelhanças entre os modos de produção e a profissionalização do futebol, movimento de intensa força no período de industrialização e que, de acordo com o autor, representou um mecanismo de controle das massas populares por meio de uma reprodução de uma "pedagogia das fábricas: trabalho em equipe, obediência às regras, especialização nas tarefas, submissão ao cronômetro etc" (p.91). A jogadora Elza, destaca a influência do estímulo à competitividade - que se relaciona fortemente com a pedagogia das fábricas - na formação de seu caráter. Do ponto de vista da atleta, apesar de todas as dificuldades e sofrimento, o futebol a tornou uma pessoa mais resiliente:

O clima que eu sempre encontrei no futebol de cara assim foi muito hostil e eu acho que isso vale pra vários esportes, não só o futebol. O esporte, de certa forma, pode ser muito hostil por ser um ambiente de competitividade, por ser um ambiente onde está cada um ali querendo se

provar e eu acho que hoje eu olho assim e vejo o quanto isso foi importante pra formar o meu caráter, porque conviver em ambientes hostis me fez muito resiliente, forte. Mas, sem dúvidas, o ambiente da peneira, sempre alguém chorando de cima pra baixo, realmente é um ponto relevante na vida do atleta, é um fator de estresse. Um fator de estresse bem relevante, porque você tem que estar o tempo todo se provando (Elza).

As colocações da jogadora relacionam-se diretamente com as considerações de Vieira e Mansano (2014) de que o futebol é um trabalho em tempo integral e, portanto, pode facilmente tornar-se um fator de estresse, pois demanda constante cuidado, preparação e produção de si, tendo em vista seu ofício. A possibilidade de distanciamento do trabalho mesmo nos momentos de descanso e férias fica aniquilada quando o corpo e os resultados por ele produzidos são a principal ferramenta de trabalho. Rodrigues (2004), ao discutir a docilização dos corpos, teorizado por Michael Foucault, destaca que o futebol moderno tem como característica e finalidade “produzir, manipular, individualizar, adestrar e aperfeiçoar o corpo do indivíduo, tornar o jogador dócil e utilitário” (p.261). A seguir, destacamos mais uma importante reflexão da jogadora Elza neste aspecto:

Essa coisa de ser titular, de ser reserva, isso é muito pesado assim no futebol, isso mexia muito comigo porque era isso, eu tava no melhor clube do Brasil, só que eu era reserva, eu sabia que se eu fosse pra um clube menor, eu provavelmente seria titular, mas aí em uma condição ainda mais precária do que a que eu já estava. Isso mexe com você, você questiona o seu valor como pessoa, por conta de ser reserva, tem que ter muita estabilidade emocional pra conseguir lidar com esses altos e baixos (Elza).

A precariedade subjetiva e a objetiva, conforme definido por Linhart (2014) são uma realidade bastante comum no trabalho como jogadora de futebol, pois, as lesões causadas pelo volume e intensidade de jogos, treinamentos, ausência de estrutura e o esgotamento de capacidade física são parte da realidade das profissionais dessa área. Além disso, essas profissionais convivem com a intensa instabilidade dos contratos de trabalho, que ficam

condicionados ao rendimento individual e coletivo, fatores que dificultam a estabilidade emocional apontada pela jogadora.

Embora exista todo um discurso sobre a importância do trabalho em equipe, para quem joga futebol profissionalmente dentro de um mesmo clube, a avaliação condicionada ao rendimento pode resultar em uma frequente disputa por posição, como já mencionado pelas jogadoras. Ou seja, na prática, o coletivo de trabalho neste esporte também possui grande foco nos interesses lucrativos, com intensa cobrança de si, da outra, dos clubes, dos empresários, da mídia e de quem torce que, por vezes, não reconhece essas pessoas como trabalhadoras, uma vez que o futebol envolve dimensões afetivas.

É muito surreal pra mim ter essa conversa com você, porque primeiro: uma pessoa se dedicando a estudar futebol feminino? Eu nunca imaginei estar fazendo esse nível de conversa com uma pessoa que realmente parou para estudar o futebol feminino e ainda falar de futebol feminino como trabalho? (Elza).

Considerando os aspectos econômicos e sociais que marcam esse campo de atuação, na correlação de forças entre clubes, empresários e jogadoras ou jogadores, a pessoa futebolista que desempenha a atividade e que produz o lucro, sempre sai perdendo, mesmo nos casos em que os salários são muito altos, considerando que a mais-valia é a base do capitalismo, conforme Marx (1996). Neste sentido, entender o futebol como uma atividade com fins lucrativos é reconhecer as jogadoras como trabalhadoras também submetidas a determinações políticas, que passam por esferas macrosociais, macroeconômicas e atuam diretamente “*no interior dos processos do desgaste humano*” (Seligmann-Silva, 2011, p.116).

A jogadora Maria Helena, destaca o quanto a ausência de estruturas nos times em que jogou no Brasil impactou sua saúde mental, alimentando um discurso de culpabilização por não conseguir se desenvolver:

Eu sentia culpa por não conseguir render. Eu não entendia a importância e você meio que não sente falta do que nunca teve. Então, eu só fui entender algumas coisas quando fui para os EUA, porque, lá, a gente tem médico, fisioterapeuta, quiropraxista, psicólogo, temos uma equipe que cuida da gente [...]. Agora, eu penso no meu passado e vejo o quanto eu me culpei por não saber o que estava acontecendo e que eu precisava de ajuda, eu me culpava quando não conseguia render, não conseguia entender, porque eu dava o melhor de mim. Isso afetava tudo na minha vida, mas eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Se eu tivesse tido um acompanhamento profissional naquela época, teria evitado muito sofrimento, mas né, a gente não conseguia nem achar um lugar pra treinar (Maria Helena).

Embora o esporte seja coletivo e existam muitas proximidades nos sentimentos que são gerados a partir de tais experiências, nem sempre os sofrimentos são compartilhados entre as jogadoras, uma vez que as avaliações são centradas no desempenho e, conforme Seligmann-Silva (2011), não se espera bom desempenho de quem tem má saúde, portanto, dentro de uma lógica individualizante, compartilhar o sofrimento pode simbolizar, mesmo para quem sofre, sinal de fraqueza.

A sensação de fracasso produzida por discursos que intensificam a competitividade e individualizam os sofrimentos parece ser um fator importante para que isso ocorra, de modo que também implica na dificuldade de possíveis organizações coletivas entre as profissionais. Contudo, é possível notar na fala das jogadoras que, durante a trajetória no futebol, as dificuldades enfrentadas nas experiências vividas não passam despercebidas.

Para a jogadora Maria Helena, por exemplo, a compreensão do impacto da ausência de investimento no esporte no Brasil se acentua na medida em que toma contato com o esporte nos EUA que possui outra relação com as mulheres no futebol e com os esportes de forma geral. As jogadoras Meg e Fernanda denunciam as situações estruturais que, além de oferecerem risco à integridade física das jogadoras, também evidenciam o desinteresse e negligência das instituições. Recentemente, em entrevista, a jogadora Formiga fez críticas, revelando profunda tristeza ao retornar ao São Paulo, dizendo que as estruturas oferecidas às

mulheres no clube permanecem as mesmas desde a sua primeira passagem pelo time em 1990. Essa fala, vindo de uma das principais jogadoras brasileiras, é bastante importante. Formiga fala por muitas que não se sentem seguras o suficiente para fazer o mesmo, apesar de sofrerem todos os impactos das mazelas enfrentadas cotidianamente.

As colocações das jogadoras demonstram a existência de um reconhecimento de uma situação laboral que pode ser adoecedora e tal reconhecimento é de suma importância para que o sofrimento gerado pelo trabalho não seja individualizado. A identificação das situações pode ser um fator facilitador na organização coletiva dessas mulheres diante da negligência dos clubes e das instituições que regulamentam e fiscalizam o esporte.

Considerações finais

“O esporte é uma importante ferramenta para o caminho da igualdade de gênero. (...) Mas eu preciso lembrar que nem todas as meninas esforçadas e talentosas vão chegar onde eu cheguei. Muitas delas ficaram ou ficarão pelo caminho, porque vão enfrentar barreiras muito maiores do que elas”

-Marta Vieira da Silva-



A partir da análise das vivências profissionais de mulheres como jogadoras de futebol, pudemos compreender os principais desafios e fatores facilitadores encontrados desde a aproximação até a permanência no universo futebolístico, entendendo os impactos desta atividade esportiva e laboral na vida e na saúde das mulheres que jogam futebol profissionalmente.

Esta pesquisa permitiu evidenciar a luta diária das mulheres por ocupar com dignidade espaços que não foram pensados para sua existência. Existem diversos obstáculos a serem superados, mas há de se considerar o importante papel das próprias mulheres que resistem e avançam na ocupação dos ofícios tradicionalmente masculinos. Traçando uma análise histórica, nos últimos quarenta anos que data a volta das mulheres aos gramados, saímos da

proibição para a denúncia das violências sofridas, saímos da proibição para dizermos com orgulho que temos a mais premiada e reconhecida jogadora de futebol, saímos da proibição, embora ela ainda nos amarre em muitos aspectos.

A presença das mulheres no futebol tem conseguido significativos avanços nos últimos anos, com uma maior visibilidade, que ganha força principalmente nos meios virtuais. As transformações acompanham o crescimento da presença de mulheres em outros ambientes que antes eram dominados por homens. Tal progressão se relaciona diretamente com movimentos sociais que lutam pelos direitos das mulheres e pela criação de políticas que possibilitem a ocupação de determinados espaços. A presença feminina nos espaços políticos, de gestão e midiáticos tem sido de extrema importância nos progressos alcançados.

Entretanto, quando se trata do futebol, apesar do crescimento da ocupação feminina, as adversidades colocadas pelas jogadoras ainda passam por questões estruturais, que abrangem, desde o primeiro contato com a modalidade esportiva, até a carreira como profissional. Tais problemas se concentram principalmente na permanência, que se relaciona com a baixa remuneração, além de ambientes precários de trabalho, que dificultam o desenvolvimento da atividade, provocam lesões e impactam psicologicamente a saúde dessas mulheres que convivem com frustrações e medos produzidos por instabilidades e fragilidades dos vínculos de trabalho.

Gonçalves Filho (1998), ao falar do sentimento da dignidade, pontua que, na condição proletária, a humilhação não é apenas um sentimento ou imaginação, mas uma condição necessária e automática dentro do modelo econômico vigente. Isso pode ser notado no caso das jogadoras que, mesmo diante de todo histórico de luta por reconhecimento, ainda se encontram numa situação de total subordinação e convivem com a ausência de qualquer segurança, tendo que “se virar” em contextos que são extremamente precários e adoecedores.

Existe uma necessidade de transformação no cotidiano de trabalho das mulheres que jogam futebol. Porém, conforme evidenciado na pesquisa, o lugar de trabalho e as estruturas sociais nas quais essas jogadoras estão inseridas não são espaços facilitadores dessa mudança. Pelo contrário, cotidianamente, elas estão submetidas a ambientes precários de trabalho e de moradia, convivem com a insegurança nos contratos e baixa remuneração, situação que participa da produção e reprodução também do seu baixo reconhecimento social. Embora muitos clubes não sejam empresas, reproduzem a lógica produtivista que é centrada nos resultados de forma individualizada, sem considerar as possibilidades e determinações contextuais, ou seja, que a relação entre o que é exigido e o que é ofertado se dá de forma desproporcional.

Os fatos indicam que existem diferenças bastante perceptíveis no que diz respeito à mercantilização do futebol masculino e feminino. Pensar esses diferentes processos de mercantilização revela também as diferentes relações entre saúde, trabalho e gênero.

Mesmo que se reconheçam essas diferenças e o momento atual esteja fomentando diversas discussões acerca das mulheres no futebol, pouco se tem olhado para os impactos que tais vivências têm gerado ou podem gerar, na saúde física e mental dessas mulheres. Lançar olhar aos processos de trabalho vividos por elas é um passo importante na direção de maior reconhecimento enquanto profissionais, para que sejam valorizadas como tal. Ao mesmo tempo, também se deve questionar a lógica de mercantilização que atribui valor à saúde.

Muitas das experiências relatadas pelas jogadoras não se distanciam muito do que também é vivido pelos jogadores de futebol, mas, soma-se a elas outras violências vividas por serem mulheres. Além disso, cabe destacar que as vivências relatadas pelas participantes desta pesquisa dizem respeito a experiências em grandes clubes de futebol e que, portanto, as

ausências de estruturas se pautam exclusivamente no fato de se tratar do futebol jogado por mulheres, considerando que mesmo os times masculinos das categorias de base podem usufruir de estruturas melhores nesses clubes. Então, ainda que as experiências dessas mulheres se aproximem do vivido por jogadores de futebol, é necessário considerar que tal comparação só é possível de ser estabelecida se tomarmos como referência as experiências anteriores à ascensão ao futebol profissional dentro de um grande clube brasileiro.

A implantação de determinações que visam o incentivo ao futebol de mulheres, sem regras claramente estabelecidas e fiscalização, embora importantes, não tem se apresentado como uma solução eficiente na profissionalização e valorização das jogadoras. Instituições como FIFA, CONMEBOL e CBF, juntamente com os clubes, precisam ser responsabilizadas e avançar no que diz respeito às disparidades e dificuldades que historicamente tem impedido o acesso e a permanência de mulheres no futebol. Vale destacar que, ampliar a presença feminina nessas instituições, é parte fundamental do processo.

Refletindo acerca dos caminhos possíveis, podemos afirmar que o ponto desta discussão não deve se deter apenas na equiparação salarial ou uma remuneração adequada, mas também nas estruturas, na permanência e na revisão dos modelos de saúde dentro do futebol como um todo. Ao criticar as estruturas, evidenciar e discutir as mazelas enfrentadas por essas mulheres, não tomamos o futebol masculino como referência, uma vez que, compactuar com a lógica produtivista, com forte exploração e concentração de capital também não parece um modelo adequado.

Silvia Federici (2021), ao estudar o trabalho das mulheres na sociedade capitalista, faz considerações importantes no sentido de que a luta das mulheres não deve ser pela equiparação do que é pago e vivido pelos homens nas atividades laborais e, sim, na superação deste modelo social e econômico que se fortalece em detrimento da classe trabalhadora. A

autora é categórica na afirmação de que as mulheres não devem esperar a boa vontade dos homens que, alienados com alguns de seus privilégios, podem não perceber que a luta feminista é contra um sistema que também os violenta, mesmo quando oferece algumas ‘migalhas’ em troca. Assim sendo, concordamos com suas provocações de que palavras bonitas, cuidado e leveza não geram mudança. A mudança requer organização e luta.

Posto isto, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com a ampliação da visibilidade do futebol jogado pelas mulheres, bem como para apontar a urgência na elaboração de políticas que subsidiem e viabilizem projetos de redução do sofrimento e desigualdade na profissão.

Referências

- Almeida, C. S. (2019). Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. *Lusotopie*, 18(1), 95-118. Recuperado de <https://journals.openedition.org/lusotopie/3844>
- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2006). *Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas*. São Paulo: McGraw - Hill.
- Anjos, J. L. dos., Saneto, J. G., Oliveira, A. A. (2012). Futebol, imagens e profissionalização: a bola rola nos sonhos dos adolescentes. *Movimento*, 18(1), 125-147. DOI: 10.22456/1982-8918.19415. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/19415>.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2001). *A construção social da realidade*. (20a ed.). (F. S. Fernandes, Trad.). Petrópolis, Vozes.
- Bernardo, M. H. (2009). *Trabalho duro, discurso flexível: Uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores*. 1. ed. Expressão Popular. São Paulo.
- Bernardo, M. H., Oliveira, F. de, Souza, H. A. de, & Sousa, C. C. de. (2017). Linhas paralelas: as distintas aproximações da Psicologia em relação ao trabalho. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(1), 15-24. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752017000100003>
- Biroli, F. (2016). Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. *Dados*, 59(3), 719-754. <https://doi.org/10.1590/00115258201690>
- Bosi, E. (2013). Sugestões para um Jovem Pesquisador. In: *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bourdieu, P. (2021). *A Dominação Masculina* (19a ed.). (M. H. Kühner, Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Bertrand. (Obra original publicada em 1998).
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- Ciampa, A. C. (1997). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. (1a ed.). (R. Souza, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- CBF - Confederação Brasileira de Futebol. (2023). Presidente da CBF parabeniza Corinthians pela conquista da Supercopa Feminina Betano 2023. Recuperado de <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/supercopa-feminina/presidente-da-cbf-parabeniza-corinthians-pela-conquista-da-supercopa-b>
- Coutinho, M. C., Bernardo, M. H., & Sato, L. (2017). *Psicologia social do trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, Raça e Classe* (1a ed.). (H. R. Candiani, Trad.). São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1981).

- Deloitte. (2019). *Football Money League*. Recuperado de <https://www2.deloitte.com/uk/en/pages/sports-business-group/articles/deloitte-football-money-league.html>
- Ecoten, M. C. F., & Corsetti, B. (agosto 2010). *A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres*. Anais do Seminário Nacional Fazendo Gênero 9 da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Fanon. F. (2010). *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF.
- Faustino, D. M (2018). Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. *SER Social*, 20(42), 148-163. Recuperado de https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14288
- Federici, S. (2021). *O Patriarcado do Salário*. (1a ed.). (H. R. Candini, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- FIFA - Federação Internacional de Futebol. (2019). FIFA Women's World Cup 2019™ watched by more than 1 billion. Recuperado de <https://www.fifa.com/tournaments/womens/womensworldcup/france2019/news/fifa-women-s-world-cup-2019tm-watched-by-more-than-1-billion>
- Fiorin, P. C., Oliveira, C. T. de, & Dias, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 25-35. Recuperado em 02 de junho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan.
- Goellner, S. V. (2005a). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19 (2), 143-51. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/16590>
- Goellner, S. V. (2005b). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, 8 (1), 85 - 100. Recuperado de <https://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/106>
- Goellner, S. V. (2021). Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. *Movimento*, [S. l.], v. 27, p. e27001. DOI: 10.22456/1982-8918.110157.
- Gonçalves Filho, J. M. (1998). Humilhação Social - um Problema Político em Psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 11-67. <https://doi.org/10.1590/psicousp.v9i2.107818>
- Gonçalves, G. R. (2018). *O lucro engole o lúdico: elementos para entender como a FIFA ganha dinheiro*. Goiânia: Editora Kelps.
- Gonçalves, J. C. de S., & Carvalho, C. A. (2006). A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. *Cad. EBAPÉ.BR*. 4(2), 01-27. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/cebape/a/XmxfDtmDMKgKt9M5LzL7KDj/abstract/?lang=pt>

- Gonzales, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Rev. Ciências Sociais Hoje*, p.223-244.
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (1994). *Etnografia: Métodos de Investigación*. (2a ed.). Barcelona: Paidós.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Estatísticas do Cadastro Central de Empresas 2020*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de <https://static.poder360.com.br/2022/06/pesquisa-ibge-mulheres-mercado-de-trabalho-23jun-2022.pdf>
- Knijnik, J.D., & Vasconcellos, E. G. (2003). Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J.R. (Ed.). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume/Ceppe.
- Kopanakis, A. R., Oliveira, D. O. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2021). Experiência vivida de jogadoras de futebol em tempos de COVID-19. *Revista Thema*, 20, 287–302. <https://doi.org/10.15536/thema.V20.Especial.2021.287-302.1848>
- Kopanakis, A. R., Silva, G. de A. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2021). Impedimentos no país do futebol. *Revista Estudos Feministas*, 29(3), e73166. Epub 01 de setembro de 2021. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n373166>
- Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P. C. (2018). Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*, 30(3), Rio de Janeiro. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000300002&lng=pt&nrm=iso
- Laurell, A. C., & Noriega, M. (1989). *Processo de Produção e Saúde: trabalho e desgaste operário*. Tradução: Amélia Cohn et. al. São Paulo: Editora HUCITEC.
- Lei n. 3199, 14 de abril de 1941 (1941). Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro. Recuperado em 12 de maio de 2023, de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Estabelece%20as%20bases%20de%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20desportos%20em%20todo%20o%20pa%C3%ADs.&text=REGIONAIS%20DE%20DESPORTOS-,Art.,desportos%20em%20todo%20o%20pa%C3%ADs.>
- Lenskyj, H. (1986). *Out of Bounds: Women, Sport and Sexuality*. Toronto: The Women's Press.
- Lima, C. A. R., Januário, S. B., & Leal, D. F. de O. (2022). “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres. *Intercom: Revista Brasileira De Ciências Da Comunicação*, 45, e2022116. <https://doi.org/10.1590/1809-58442022116pt>

- Linhart, D. (2014). Modernização e precarização da vida no trabalho. In R. Antunes (Org), *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III*. São Paulo: Boitempo Editora.
- Lins, R. N. (2022). A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo. (Publicado originalmente em 1997). (16a ed.). Rio de Janeiro: BestSeller
- Malvar, A. J. M. (2020). A participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal. (*Dissertação de mestrado*). Universidade Federal de São Carlos - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, São Carlos, SP, Brasil. Recuperado de https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12987/Dissertacao_AntonioJorgeMartinsMalvar_PROEF_2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Martín-Baró, I. (1985). Que estudia la Psicología Social? In I. Martín-Baró (Org.), *Acción y ideología. Psicología Social desde Centroamérica*. (Vecchia, D. M & Netto, N. B. Trad.).
- Martins, D. N., & Assunção, M. M. S. (2019). Bichas, Macacos, Marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 4(7), 342-364.
- Mascarenhas, G. (2012). O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: Barthe-Deloizy, F., & Serpa, A (Org.). *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia*. Salvador: EDUFBA.
- Mascarenhas, G. (2014). *Entradas e bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- Marx, K. (1996) *O Capital: crítica da economia política*. (R. Barbosa e F. R Kothe, Trad.). São Paulo: Nova Cultural.
- Mendonça, R. (2020, junho 2020). Mesmo com ajuda da CBF, clubes negam a jogadoras ajuda de custo de R\$ 500,00. Portal Dibradoras. Recuperado de <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/04/27/mesmo-com-ajuda-da-cbf-clubes-negam-a-jogadoras-ajuda-de-custo-de-r500/>.
- Minayo, M. C. de S. (1999). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 14. ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Minayo, M. C. de S. (2006). *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 132p.
- Montero, M. (2007) Origen y desarrollo de la psicología comunitária. In *Introducción a la psicología comunitária*. Buenos Aires: Paidós.
- Moraes, E. V., Coelho, N. P., Marta, F. E. F. (2022). A importância da oralidade para os estudos sobre a mulher no futebol baiano: revisitando memória. *Revista Desenvolvimento Social*, 28(1), 50-65. Recuperado de <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/5673>.
- Moreira, M. de F. S., Prado, V. M., & Cavaleiro, M. C. (2019). Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. *Ensino Em Re-Vista*, 26(2), 524-546.

- Nascimento, F. W. A. do, & Santos, A. A. (2023). Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro: uma luta antirracista para além do campo de futebol. Rio Branco: Em favor da igualdade racial, 6(1), 07-17. Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/download/6170/4082>
- Nascimento, A. T., & Rocha, F. N. (2021). A inserção da mulher no futebol. *Revista Mozaico*, 12(2), 69-77. Recuperado de <http://editora.universidadedevasouras.edu.br/index.php/RM/article/view/2388/1680>
- Oliveira, R. C. (1996). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. *Revista de Antropologia (USP)*.
- Pisani, M. S. (2018). *Sou feita de sol, chuva e barro: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo*. (Tese de doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Portelli, A. (2016). *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz.
- Projeto de Lei n. 3699, 25 de junho de 2019. Determina que do valor do patrocínio dado pelas empresas públicas no âmbito federal ao futebol profissional, será destinado 5 % (cinco por cento) para aplicar no desenvolvimento do futebol feminino. Rio Grande do Sul. Recuperado de <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2209123>
- Projeto de Lei n. 168, 02 de fevereiro de 2023. Assegura às mulheres o direito ao pagamento de meia-entrada em jogos de futebol em que são cobradas taxas de ingresso em todo território nacional. São Paulo. Recuperado de <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2346893>
- Rios, H. (2023). *O futebol feminino é estratégico?* [documento em formato eletrônico] Recuperado de <https://universidadedofutebol.com.br/2023/02/16/o-futebol-feminino-e-estrategico/>
- Rodrigues, F. X. F. (2004). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, (11), 260-299. <https://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222004000100012>
- Rubio, K. (2007). Ética e compromisso social na psicologia do esporte. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(2). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000200011
- Saffioti, H. I. B. (2013). *A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade*. (3a ed.). São Paulo: Expressão Popular. (Publicado originalmente em 1969).
- Saffioti, H. I. B. (2015). *Gênero, patriarcado e violência*. (2a ed.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Salvini, L., & Marchi Júnior, W. (2016). “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(2), 303-311. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-55092016000200303>

- Sánchez, J. A. (2017). *Cuerpos ajenos: ensayos sobre ética de la representación*. Segovia: Ediciones La uña RoTa.
- Santos, L. C., Carvalho, A. B., Amaral, J. G., Borges, L. A., & Mayorga, C. (2016). Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: Análise da revista *Psicologia & Sociedade* (1996-2010). *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 589-603.
<https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p589>
- Sato, L., & Souza, M. P. R. de (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. *Psicologia USP*, 12(2), 29-47. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642001000200003>
- Sato, L. & Bernardo, M. H. (2005). Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(4), 869–878.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000400011>
- Sato, L., Coutinho, M. C., & Bernardo, M. H. (2017). A perspectiva da Psicologia Social do Trabalho. In Coutinho, M. C., Bernardo, M. H., & Sato, L. (Org.). *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Seligmann-Silva, E. (2011). *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Editora UFRJ/Cortez.
- Sennett, R. (2015). *A corrosão do caráter*. (Santarrita, M., Trad.). (16a ed.). Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record. Publicado originalmente em 1999.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. (C. R. Dabat & M. B. Ávila, Trad.). Porto Alegre: *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf
- Silva, L. P., & Mendes, M. I. B. de S. (2021). Do corpo objeto ao corpo atlético: apontamentos sobre o futebol de mulheres. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, 34(12), 40-50.
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 15(2), 18-42.
<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>
- Sports Value. (2018). *Impacto econômico da Champions League*. Recuperado de <http://www.sportsvalue.com.br/wp-content/uploads/2018/05/sportsvalue-impacto-UEFA-champions-league-maio-2018.pdf>
- Sports Value. (2019). *Ranking dinâmico das receitas dos clubes brasileiros 2019*. Recuperado de <https://www.sportsvalue.com.br/ranking-dinamico-das-receitas-dos-clubes-brasileiros-2019/>
- Vieira, T. M., & Mansano, S. R. V. (2014). Impasses gerados pelo trabalho imaterial na vida privada: um estudo sobre os profissionais do esporte. *Pesqui. Prát. psicossociais*, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 222-231.

Vieira, T. M., & Rodrigues, J. C. (2021). Fora de jogo? Futebol, mulheres e pandemia. *Revista Espaço Acadêmico*, 20, 112-122.

Vieira, T. M. (2022). Futebol e mulheres no Brasil: um jogo possível? (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras. Assis/SP, Brasil.
Recuperado de
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/234882/vieira_tm_dr_assis.pdf?sequence=3&isAllowed=y